

**O PAPEL DA RELAÇÃO COM O OBJETO  
MATERNO NA RIVALIDADE FRATERNA: UM  
ESTUDO MISTO**

MARGARIDA INÊS ALBERTO PAULO

Orientador de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR CSONGOR JUHOS

Professor de Seminário de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR CSONGOR JUHOS

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

**MESTRE EM PSICOLOGIA**

Especialidade em Psicologia Clínica

2023

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor Csongor Juhos, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Csongor que, através do seu saber, me ensinou o significado do pensamento livre e crítico, ajudando a tornar este trabalho possível.

À Professora Ana Isabel Pereira, pela disponibilidade e partilha que ajudaram a pensar este trabalho.

Aos participantes deste estudo, agradeço a entrega e a confiança para contarem as suas histórias, permitindo-me sonhá-los e tornar este trabalho repleto de significado.

À minha terapeuta, por me escutar e conter em todos os momentos, pela calma, por me encorajar à descoberta e ao desconhecido, e por ser com quem tenho aprendido a percorrer caminhos transformadores.

Às mulheres da minha vida, as minhas avós, a minha mãe, a minha irmã, e a minha sobrinha, por me ensinarem o significado do amor incondicional e por darem o seu melhor. Em especial à Matilde, por ser o melhor da vida.

À Teresa, à Carolina e à Maria, pelo afeto, pelo suporte, pela amizade, por acreditarem sempre em mim, pelas longas conversas, pelos anos de amizade tão felizes, por crescermos juntas.

Ao Barateli, pelos anos de longos dias e noites em sua casa, em família, pelas conversas, por enaltecer o melhor de cada história, por ser um entusiasta, pelo apoio em todos os momentos, por alinhar em tudo aquilo que me passa pela cabeça. Enfim, por ser o meu melhor amigo.

Ao Gonçalo, por tudo. Pelo amor incondicional, por ver o melhor de mim, pela dedicação, pelas transformações, por me acolher e mostrar todos os dias o encanto de construir e sonhar uma vida a dois.

Dos anos vividos no ISPA recordo os infinitos momentos no banquinho, os passeios em Alfama, as tardes passadas na biblioteca, entre muitos cafés e estudos. Recordo todas as pessoas que fizeram destes os mais felizes e desafiantes anos da minha vida, pelo amor e autoconhecimento. Um especial agradecimento ao grupo de teatro dISPAr e de teatro Playback, pela descoberta e liberdade a que me impulsionaram.

## RESUMO

As teorias psicanalíticas da relação de objeto postulam que as primeiras relações emocionais, com particular atenção na mãe, são a base do desenvolvimento de relações ao longo da vida. A investigação nesta área não explorou o modo como a relação internalizada com o objeto materno pode ter um impacto na experiência de rivalidade entre irmãos. A presente investigação pretende perceber de que forma a natureza e qualidade da relação com o objeto materno e as características da fratria influenciam a rivalidade fraterna, a partir da perspectiva dos filhos. Este estudo empírico de abordagem mista contou no primeiro momento de recolha de dados, através do QRIA (Coutinho & Duarte, 2008), com a participação de 158 sujeitos, entre os 18 e os 63 anos, 107 do género feminino (67.7%) e 51 do masculino (32.3%). No segundo momento, utilizou-se o Método das Narrativas de Associação Livre (Hollway & Jefferson, 2000), de forma a aceder à experiência subjetiva e inconsciente de 3 sujeitos. Os resultados do QRIA não mostram diferenças significativas entre as características da fratria e o nível de rivalidade fraterna. Das três narrativas destaca-se a relação com o objeto materno assente na ambivalência, insegurança e carência afetiva que dificultam a introjeção de um objeto interno securizante e a elaboração da relação com a mãe. Os três sujeitos associam a angústia e dificuldades relacionais com o objeto materno à experiência de rivalidade na relação fraterna.

Palavras-chave: Relação de objeto interno; Relação com o objeto materno; Relação fraterna; Rivalidade Fraterna

## ABSTRACT

The psychoanalytic theories of object relations postulate that early emotional relationships, with a particular focus on the mother, form the basis for the development of lifelong relationships. Research in this area has not explored how the internalized relationship with the maternal object may impact the experience of sibling rivalry. This current research aims to investigate how the nature and quality of the relationship with the maternal object, as well as the characteristics of the fraternal system, influence sibling rivalry from the perspective of the offspring. This mixed-method empirical study began with data collection using the QRIA (Coutinho & Duarte, 2008), involving 158 participants from 18 and 63 years old, 107 females (67.7%) and 51 males (32.3%). In the second phase, the Free Association Narratives Method (Hollway & Jefferson, 2000) was employed to access the subjective and unconscious experiences of three subjects. The QRIA results do not show significant differences between sibling characteristics and the level of sibling rivalry. The narratives from the three subjects highlight the relationship with the maternal object characterized by ambivalence, insecurity and emotional deprivation, which hinder the internalization of a secure internal object. The three subjects associate the distress and relational difficulties with the mother with their experience of sibling rivalry.

Keywords: Internal object relations; Relationship with the maternal object; Sibling relationship; Sibling Rivalry.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	3
Teorias Psicanalíticas das Relações de Objeto .....	3
Relação Fraternal .....	8
Rivalidade entre Irmãos .....	10
O Presente Estudo .....	13
MÉTODO .....	15
Delineamento .....	15
Participantes.....	16
Instrumentos.....	18
Questionário sociodemográfico.....	18
Questionário da Relação de Irmãos Adultos (QRIA).....	19
Entrevista Narrativa de Associação Livre (FANI).....	20
Procedimento de Recolha dos Dados.....	22
Procedimento de Análise dos Dados.....	22
RESULTADOS .....	24
Análise Métrica do QRIA .....	24
Análise Estatística dos Resultados do QRIA .....	24
ANÁLISE DAS NARRATIVAS .....	26
I (FEMININO, 26 ANOS) .....	26
R (MASCULINO, 35 ANOS) .....	34
V (FEMININO, 46 ANOS) .....	42
ANÁLISE DOS GRANDES TEMAS.....	52
I (FEMININO, 26 ANOS) .....	52
R (MASCULINO, 35 ANOS) .....	56
V (FEMININO, 46 ANOS) .....	60

DISCUSSÃO .....	64
REFERÊNCIAS .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
ANEXO I – Apresentação do Estudo e Carta de Consentimento Informado .....	80
ANEXO II – Questionário Sociodemográfico .....	81
ANEXO III – Questionário da Relação de Irmãos Adultos (QRIA) .....	83
ANEXO IV – Folheto de Divulgação .....	87
ANEXO V – Carta de Consentimento Informado: Entrevista.....	88
ANEXO VII – Análise da Sensibilidade dos Itens do QRIA .....	90
ANEXO VIII – Correlações de <i>Pearson</i> entre as dimensões do QRIA .....	93
ANEXO IX – Teste <i>T-Student</i> das dimensões do QRIA (Qualidade da Relação) por Gênero do Participante.....	94
ANEXO X – Média e Desvio-Padrão das dimensões do QRIA por Gênero do Participante .....	95
ANEXO XI – Teste <i>T-Student</i> das dimensões do QRIA (Qualidade da Relação) por Gênero do Irmão .....	96
ANEXO XII – Média e Desvio-Padrão das dimensões do QRIA por Gênero do Irmão .....	97
ANEXO XIII - ANOVA <i>One-Way</i> para a Variável Posição na Fratria e Qualidade da Relação.....	98
ANEXO XIV - ANOVA <i>One-Way</i> para a Variável Idade Relativa e Qualidade da Relação.....	99
ANEXO XV - ANOVA <i>One-Way</i> para a Variável Constelação Familiar e Qualidade da Relação.....	100

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Caracterização Sociodemográfica da Amostra.....	17
Tabela 2 Caracterização Sociodemográfica da Fratria.....	19

“Se pode ser difícil viver com os outros, é  
impossível viver sem eles”

(Emílio Salgueiro, 2020)

## INTRODUÇÃO

A família é tipicamente vista como um espaço privilegiado de elaboração, aprendizagem e desenvolvimento de relações afetivas profundas (Alarcão, 2006). Enquanto sistema vivo e dinâmico, a família vive sob a ação de fatores conscientes e inconscientes que influenciam o desenvolvimento da criança, sendo esta um agente ativo na transformação da estrutura e dinâmicas familiares (Zimmerman, 2007). Devido à sua complexidade relacional, a exploração da família não pode derivar do estudo isolado dos seus elementos (Gameiro, 1998).

Tradicionalmente, a figura materna desempenha um papel fundamental no cuidado da criança, sendo esta relação considerada a primeira e mais influente dinâmica para o seu desenvolvimento psíquico e emocional (Mahler, 1977). Recordemos Winnicott (1990), ao dizer que a mãe é o reflexo das experiências da criança. Assim, as trocas emocionais entre a díade mãe-criança e a qualidade desta relação são elementos estruturantes para a sua organização psíquica e desenvolvimento de futuras relações (Matos, 1983). As teorias psicanalíticas da relação de *objetos internos* postulam que as primeiras relações emocionais de uma criança, com particular atenção com a figura materna, são a base que sustenta os seus padrões de pensamento, emoções e o desenvolvimento de relações ao longo da vida. Assim, as experiências e inter-relação dialética com o outro significativo permitem à criança construir *objetos internos*, isto é, representações mentais capazes de gerar significado (Ogden, 1983), organizar a realidade e atividade psíquicas (Bergeret, 1998), e determinar o funcionamento das defesas mais utilizadas, a vida fantasmática, a apreensão do mundo e o desenvolvimento das suas relações (Mijolla e Mijolla-Mellor, 2002). Desta forma, explorar como a relação com o objeto materno é internalizada mostra ser um fator essencial para entender as dinâmicas familiares, incluindo o fenómeno da rivalidade na relação entre irmãos.

Enquanto fenómeno relacional, a rivalidade na relação fraterna é uma condição natural e muito comum na vida e ambiente familiares (Relva et al., 2014) sendo que, em contexto português, a investigação a respeito desta temática é ainda muito reduzida (Relva, 2015; Relva et al., 2012, 2014), salientando-se a escassez de estudos que explorem o modo como o contexto familiar pode moldar a rivalidade fraterna. Ainda assim, destaca-se o estudo de Whiteman et al. (2011), no qual a instabilidade e insegurança face à figura materna estão correlacionadas com maiores níveis de violência entre irmãos, e sentimentos de segurança em relação à mãe estão associados a relações

fraternas mais positivas. No mesmo sentido, nos estudos de Bryant (1992) e Alarcão et al. (2012), a indisponibilidade materna, manifesta em ausência física ou afetiva, aumenta a probabilidade de violência na fratria.

Uma vez que os trabalhos de investigação focam maioritariamente a componente abusiva e violenta deste fenómeno, e os resultados estão longe de serem consistentes (Noller, 2005), o presente estudo procura fornecer *insights* importantes para a investigação e intervenção psicoterapêutica, e contribuir para a literatura existente, a partir da compreensão da génese da rivalidade fraterna à luz das teorias psicanalíticas das relações de objeto. Os objetivos deste estudo são, perceber a natureza e qualidade da relação com o objeto materno e explorar o modo como esta pode impactar a experiência de rivalidade entre os irmãos, enquanto protetor ou promotor deste fenómeno. A metodologia utilizada neste estudo, da escolha do delineamento, aos instrumentos e processo de análise dos dados, procura alcançar os objetivos desta investigação. Os resultados são apresentados, analisados e discutidos à luz das teorias psicanalíticas das relações de objeto. Por último, são apresentadas reflexões sobre as principais implicações teóricas e práticas dos resultados deste estudo.

## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### **Teorias Psicanalíticas das Relações de Objeto**

Todo o conhecimento psicanalítico tem por base as relações que as pessoas estabelecem com os outros (Greenberg & Mitchell, 2003). Desde Freud, que o campo psicanalítico procura compreender a constituição do psiquismo e da subjetividade, os processos de diferenciação e maturação psíquica. Nesta perspectiva, o nascimento psíquico está intimamente relacionado com a experiência do bebê com o outro que o cuida, com particular atenção na mãe (Ramires, 2003). Uma vez que existe um consenso na teoria psicanalítica a respeito dos primeiros meses de vida incidirem sobre um estado mental caótico e indiferenciado, no qual a criança se encontra numa posição de fusão com a mãe, isto é, onde o sujeito e o objeto de investimento não estão ainda diferenciados (Fairbairn, 1941), a compreensão do desenvolvimento e estruturação psíquica têm por base a relação precoce da díade mãe-bebé (Bergeret, 1998).

A capacidade da mãe se ajustar aos ritmos do seu bebê faz parte de um conjunto de papéis, que inclui a capacidade de cuidar, nutrir, compreender e proteger o bebê, a qual se denomina de *função materna* (Brazelton, 2002). Sendo a mãe a sua principal cuidadora, o bebê procura, desde o início, o encontro e contacto com a mesma por ser quem melhor poderá criar as condições que asseguram o seu desenvolvimento físico e emocional, funcionando como “espelho” das suas experiências (Greenberg & Mitchell, 2003). Na sua obra, Klein (1957), postula que a criança espera, além de gratificação física, o amor e a compreensão do objeto, veículo através do qual a gratificação é obtida ou recusada, tornando-se modelo de bondade, amor e generosidade, por excesso ou insuficiência. Assim, se a mãe conseguir compreender as intenções do seu bebê, os seus gestos, necessidades e desejos, e promover um meio de estimulação, contenção e segurança, proporciona-lhe a base segura que dará sentido ao desenvolvimento do seu *eu* (Bollas, 1989). Segundo Winnicott (1971), tanto a ausência de contato como a interação excessiva e intrusiva, constituem ameaças ao desenvolvimento e sobrevivência da criança. Uma vez que todos nascemos em total dependência de um outro que cuida, o autor sugere que, mesmo reunidas as melhores condições, tornar-se pessoa é um processo frágil que implica tensão entre as realidades objetiva e subjetiva (Greenberg & Mitchell, 2003).

Os conceitos de *relação de objeto* e de *objeto interno* tiveram origem na teoria pulsional de Freud (1920), embora tenha sido com a exploração de Klein (1932) que a relação precoce mãe-bebé e estes dois conceitos ganharam notoriedade, permitindo a

transição do modelo clássico da pulsão para o campo das perspectivas relacionais. Freud não utilizou o termo *objeto interno* nem conceitualizou um equivalente, mas aproximou-se da teoria do *objeto interno* com alguns conceitos (Laplanche & Pontalis, 1970). Em 1914, o autor referiu que as fantasias inconscientes sobre os objetos reais podem substituir a relação do sujeito com essas pessoas, salientando que o objeto externo pode ser apropriado pelo sujeito no seu mundo interno, através do processo de identificação.

A perspectiva proposta por Klein (1932), contém reformulações teóricas e clínicas da teoria de Freud, significativas e inovadoras para a literatura e investigação psicanalítica (Greenberg & Mitchell, 2003), nomeadamente, a respeito das fantasias inconscientes intrínsecas à relação precoce mãe-bebé, da natureza da relação de objeto, e respetivo impacto na dinâmica e estruturação do funcionamento psíquico. A autora foi a primeira a debruçar-se sobre a noção de *objetos internos* que povoam o mundo psíquico, tendo sido a partir do seu corpo de investigação com crianças que o mundo psíquico do bebé passou a ser compreendido, a partir dos fatores internos e externos que facilitam e dificultam o seu desenvolvimento psíquico. Klein considera que a vida mental da criança e, mais tarde, do adulto, se desenvolve a partir de uma rede complexa de relações fantasiadas inconscientemente entre o *eu* e o outro, do mundo dos objetos internos e externos (Greenberg & Mitchell, 2003), uma vez que a natureza da interação com o mundo permite ao bebé pressupor a existência desses mesmos objetos (Mijolla e Mijolla-Mellor, 2002). Segundo a autora, embora de forma imatura e pouco organizada, os bebés nascem com a capacidade de experienciar angústias, utilizar mecanismos de defesa e estabelecer relações de objeto (Greenberg & Mitchell, 2003).

Em 1928, Klein sugere que os estádios do desenvolvimento psicosexual, propostos pela teoria pulsional de Freud (1920), que refletem um crescente amadurecimento emocional, não são necessariamente sequenciais, sobrepondo-se uns aos outros. Assim, substitui a noção de “estádios” por “posições”, em que cada uma reflete diferentes padrões de organização da experiência, ansiedades, defesas e modo de se relacionar consigo e com os outros (Klein, 1976). Na sua teoria, a vida mental inicia-se com a posição esquizoparanoide, que reflete uma ansiedade constante de aniquilamento e medos de natureza paranoide, aos quais a criança responde procurando afastar os perigos dos maus objetos, internos e externos (Greenberg & Mitchell, 2003). Para isso, a mente da criança recorre ao mecanismo defensivo *clivagem*, de forma a dividir o *eu* e o objeto em fragmentos mais controláveis, mantendo separadas as imagens do “mau” e do

“bom” objeto, provenientes da relação e experiências vividas com este (Klein, 1935). Estes fragmentos da relação com o objeto vão manter-se separados devido à projeção das partes más e à introjeção das partes boas (Ogden, 1983). Nesta posição, o funcionamento psíquico caracteriza-se pela desintegração da experiência em partes dispersas e difusas pelos organizadores defensivos *clivagem*, *introjeção* e *projeção*, e pela separação das representações mentais de si e dos objetos internos. Por este motivo, o bebê não cria imagens de objetos totais e inteiros, interagindo, assim, com partes do objeto, os objetos parciais e, por isso, com partes do seu próprio corpo (Bergeret, 1998). Por outro lado, a noção de posição depressiva é introduzida por Klein, em 1934, com a obra *Contribuição para a psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (Laplanche & Pontalis, 1991), para descrever um marco profundo no desenvolvimento da vida psíquica, através da capacidade da criança para apreender e integrar os objetos parciais em totais (Klein, 1957). Enquanto que na posição esquizoparanoide os sentimentos ambivalentes de amor e ódio em relação ao mesmo objeto estão separados pelo mecanismo de *clivagem* (Greenberg & Mitchell, 2003), tornando-os mais suportáveis, uma vez que cada fragmento do objeto possui uma representação clivada do afeto (Ogden, 1983), na posição depressiva, a *clivagem* entre o “bom” e o “mau” objeto atenua-se devido à possibilidade de integração das emoções e partes contraditórias do objeto. Neste sentido, através da experiência com o outro significativo, a criança desenvolve, de forma gradual e contínua, capacidade de fantasiar e integrar as partes “boas” e “más” da mãe, anteriormente clivada, numa representação de uma mãe total, interiorizando-a enquanto parte integrante de si (Klein, 1940). A posição depressiva traz à consciência a agressividade sentida do e para com o objeto de amor, o que resulta numa depressão normal do desenvolvimento psíquico por medo de destruir e perder a mãe (Klein, 1957; Blatt & Auerbach, 2003). Esta angústia pode ser superada quando o objeto amado é introjetado pela criança de forma estável e tranquilizadora (Laplanche & Pontalis, 1991). Além disto, tanto a ansiedade depressiva como paranoide derivam da necessidade da criança ter o amor da mãe (Klein, 1968).

Posteriormente, foram desenvolvidas diversas teorias da *relação de objeto*, partindo do pressuposto de que estas relações, reais ou imaginadas, dependendo da orientação teórica e do autor, são a base do desenvolvimento psíquico. Segundo Amaral Dias (1989), não pode existir funcionamento organizado nem saúde mental no vazio relacional. Neste sentido, o bebê constrói o seu mundo interno a partir das interações com as pessoas reais e imaginadas do seu mundo externo (Westen, 1991), da necessidade de

amar e ser amado (Matos, 2002). Nesta perspectiva teórica, a introjeção das experiências relacionais de dor e de gratificação que a criança vive com o outro significativo dão origem aos *objetos internos*, isto é, representações mentais de um objeto real, que incluem as características reais e imaginadas dessas pessoas (Greenberg & Mitchell, 2003). De forma análoga, surge o conceito de *imago* (Jung, 1911), que diz respeito à representação mental inconsciente enquanto esquema imaginário internalizado, a partir do qual o sujeito pode ver o outro através de sentimentos, comportamentos e imagens (Laplanche & Pontalis, 1991). Neste sentido, a imago materna diz respeito a uma imagem mental da mãe que influencia a forma como a criança percebe e interage com esta. A interação emocional entre a criança e o *objeto interno*, real ou fantasmático, isto é, imaginado enquanto presença interna, compreende a internalização do esquema relacional afetivo, o qual se designa de *relação de objeto*, cuja natureza e qualidade são fundamentais para o desenvolvimento e compreensão do aparelho psíquico (Greenberg & Mitchell, 2003). Assim, a percepção da criança acerca da sua experiência é suplantada, por um lado, pela forma como vive a mãe e, por outro, pelo modo como é vista e vivida pela sua mãe, o primeiro objeto da criança (Winnicott, 1945).

Neste processo de identificação entre o bebê e a mãe, espera-se que as interações entre ambos se deem num universo afetivo, fluído de trocas e investimento objetal recíproco (Rodrigues, 1992). Através da sua sensibilidade e empatia profundas, a mãe que Winnicott chamou de “suficientemente boa”, antecipa e dá significado aos gestos e vontades do seu bebê, proporcionando-lhe um meio seguro, isto é, um universo a partir do qual as necessidades físicas e psicológicas do bebê são identificadas, contidas e transformadas (Greenberg & Mitchell, 2003). O conceito de mãe “suficientemente boa” expressa uma interação em que esta responde satisfatoriamente ao bebê, facilitando a manutenção de um breve sentimento de onipotência no bebê em relação ao meio e ao objeto, necessário ao desenvolvimento da sua subjetividade (Winnicott, 1990). Esta atitude e comportamento da mãe não se refere apenas a um conjunto de procedimentos para cuidar do seu bebê, mas a um envolvimento afetivo profundo que é utilizado também como meio de comunicação entre ambos (Gonçalves, 2014). Bion denominou esta capacidade da mãe de *função continente da mente materna* ou *capacidade de rêverie*, e Winnicott de *preocupação maternal primária* e *holding*, isto é, ato de acolher, descodificar e transformar as sensações, angústias, medos, desejos e necessidades da criança (Mawson, 2017; Gonçalves, 2019).

Os trabalhos de Bion foram importantes para as teorias da relação de objeto interno (Ogden, 1983). Na Teoria das Transformações (1963), Bion postula que a mente primitiva do bebê necessita da capacidade de elaboração da mente do adulto que o cuida para compreender e transformar as suas experiências emocionais e sensoriais que causam um mal-estar difuso (os *elementos  $\beta$* ) (Zimerman, 2008). Introduce o conceito de *função alfa*, que corresponde aos mecanismos psíquicos do adulto cuidador, análogos à digestão, que através do seu amor é capaz de conter, pensar e transformar os *elementos  $\beta$*  evacuados pelo bebê, tornando-os mais acessíveis ao pensamento através do processo de simbolização. Quando digeridos, os *elementos  $\beta$*  transformam-se em experiências com dimensão simbólica, os *elementos  $\alpha$* . Bion refere que, por ser incapaz de fazer esta transformação sozinho, a criança deposita na mãe as unidades de pensamento não elaboradas, sob a forma de fantasias inconscientes, através do mecanismo de *identificação projetiva* (Ogden, 1983). Assim, enquanto recipiente, é função da mãe conter, elaborar e devolver à criança aquilo que projetou sob a forma de unidades de pensamento simbolizadas para que esta as possa internalizar. Desta forma, a *função alfa* da mãe permite transformar o caos emocional do bebê para que, progressivamente, esta desenvolva a capacidade para tolerar, pensar e dar significado às suas experiências emocionais.

Para que o desenvolvimento psíquico e emocional ocorra em harmonia, é necessário que a criança se sinta amada e valorizada. Se a criança sente que é suficientemente reconhecida e apreciada, na sua totalidade, pode introjetar um bom *objeto interno*, ou seja, uma mãe “suficientemente boa”. A introjeção de um bom objeto interno permite, por um lado, sentir confiança e segurança quanto ao amor e ao seu lugar no interior do objeto (i.e. constância objetal) e, por outro, a estruturação de um *eu* coerente, sem dependência excessiva do objeto real, e com limites bem definidos, onde o *eu*, o outro e o meio não sejam sentidos como perigosos, inseguros ou pouco confiáveis (Matos, 2002). No entanto, é importante referir que, tal como teoriza Winnicott, embora a resposta adequada às necessidades da criança potencie o equilíbrio e harmonia interna permanente, o desenvolvimento saudável apenas requer um ambiente “suficientemente bom”, e não perfeito, e por um breve período de tempo (Greenberg & Mitchell, 2003). Neste sentido, no processo de desenvolvimento psíquico, apesar do confronto com medos primitivos de separação, perda e destruição dos objetos, espera-se que a criança tenha a segurança suficiente para, gradualmente, passar de um modo de relação totalmente dependente do

objeto, com desejos de domínio sobre ele, para um estado de diferenciação e maturidade psíquica, onde impere a autonomia, a cooperação com o objeto, a dependência parcial e a reciprocidade da relação (Fairbairn, 2000).

Posto isto, o contínuo e natural amadurecimento das *relações de objeto* do bebê, associado a um mundo interno pautado por objetos suficientemente gratificantes, são os elementos essenciais para o bom desenvolvimento emocional. A qualidade destas relações determina a representação que o sujeito tem de si e dos outros, a experiência dos seus estados internos, as manifestações comportamentais e as suas motivações (Blatt et al., 1997). A boa relação com o objeto materno precisa de ser complementada por uma contínua e estável triangulação com o pai, na qual a empatia, disponibilidade emocional e segurança estejam asseguradas. Ao longo da sua obra, Klein explica que o amor da criança pelo pai e os irmãos, não se limita, mas implica o profundo cuidado e preocupação inerentes à primeira relação com o objeto, ou seja, o amor da criança pelo outro e a forma de se relacionar surgem diretamente associados ao amor sentido na relação com o objeto materno (Greenberg & Mitchell, 2003).

### **Relação Fraternal**

A relação entre irmãos é, muitas vezes, a mais longa da vida das pessoas (Noller, 2005; Relva, 2015). Ainda assim, a maioria da literatura e investigação incidente nas relações familiares centra-se na exploração do relacionamento entre pais e filhos, negligenciando a relação fraternal (Bank & Kahn, 1980; Rosner, 1985; Féres-Carneiro, 2011; Buist et al., 2012). A partir de uma análise da literatura percebe-se que, quando abordada a relação entre irmãos, o foco de investigação está associado aos componentes traumáticos da experiência de ser e ter um irmão (Neubauer, 1982).

É no contexto familiar que o desenvolvimento se inicia, sendo a família um sistema complexo composto por vários subsistemas em relação que se influenciam mutuamente, nomeadamente, o conjugal, o parental e o fraterno (Minuchin, 1974; Noller, 2005). Enquanto primeiro contexto de socialização e elaboração das experiências, a família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças (Baumrind, 1991; Fernandes, Alarcão & Raposo, 2007). Consoante o subsistema, os seus membros apresentam características, funções e papéis familiares distintos, pelo que a relação fraternal não pode ser compreendida de forma isolada (Alarcão, 2002; East, 2009). Os

irmãos criam no seio familiar o subsistema fraterno (Alarcão, 2002), o espaço social por excelência, a partir do qual a criança pode desenvolver capacidades sociais e relacionais que irão ser aplicadas em futuras relações e contextos (Adler, 1954).

Segundo Winnicott (1964), a maior desvantagem de ser filho único é a falta de um universo rico de experiências que apenas pode resultar da relação de uma criança com os seus irmãos. A relação entre irmãos começa antes do nascimento, fase em que os pais assumem um papel predominante na preparação da criança e atribuição de significado para a chegada do irmão (Fernandes, 2016). Se o nascimento de um bebé é uma experiência que perturba, de alguma forma, o equilíbrio familiar trazendo desafios à estrutura, organização e dinâmica familiares (Alarcão, 2002), a criança apercebe-se que não é o único objeto de amor dos pais, gerando medo e angústia pensar na possibilidade de perder este amor (Kris & Ritvo, 1983; Rosner, 1985), ou ter de o partilhar com um outro “estranho” (Fernandes, 2005). Assim, a chegada de um irmão introduz, além de importantes transformações, a noção de paridade, partilha (Klein, 1981), e de rivalidade (Buist et al., 2012).

A perda de privilégio e exclusividade enquanto objeto de amor materno pode ser acompanhado por problemas do sono e/ou da alimentação, ciúme, rivalidade, inveja, raiva, tristeza, dúvida e agressividade, que se pode manifestar contra si, para com o bebé ou sobre a mãe (Fernandes 2005). Em contrapartida, gradualmente, o ódio dá lugar ao amor, à medida que o novo bebé se torna alguém com quem a criança pode brincar, transformando a agressividade em relação ao irmão em algo generoso e criativo (Fernandes, 2005). À semelhança da relação com o objeto materno, a relação entre irmãos caracteriza-se pela ambivalência entre amor e ódio, conflito e cooperação, e identificação com o outro, podendo caracterizar-se quer por amizade e apoio, quer por rivalidade e violência (Fernandes, 2005; Fernandes et al., 2007).

Benghozi e Féres-Carneiro (2001), fazem a distinção entre laço e relação fraterna, sendo que o laço diz respeito ao que une biologicamente os irmãos à mesma família e a relação à qualidade desse laço, podendo ser, ou não, caracterizada pela proximidade, intimidade e/ou harmonia. Segundo Howe e colaboradores (2006), a relação fraterna constitui-se com base na intimidade que promove a expressão de emoções de forma “intensa e desinibida”, e na proximidade que promove, tanto suporte e cooperação entre os irmãos, como rivalidade e conflito. Assim, os irmãos desempenham diferentes

papéis na sua relação, ao longo da vida, podendo desenvolver-se enquanto figuras de apego e companheirismo, ou com desinteresse e indiferença (Noller, 2005).

A literatura salienta que a relação fraterna tem um papel essencial no desenvolvimento social, emocional e cognitivo (Fernandes, 2000; Noller, 2005; McHale et al., 2012; Tippett & Wolke, 2015), um efeito na autoestima (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011; Tippett & Wolke, 2015), na satisfação de vida (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011), na regulação emocional e da agressividade (Dunn, 2000; Soysal, 2016), e na experiência de situações de cooperação, aliança, disputa e rivalidade (Minuchin, 1982; Fernandes, 2002). A relação entre irmãos representa um ambiente que permite às crianças desenvolver capacidades de apoio emocional, ajuda recíproca, e diferentes estratégias de resolução de conflitos (Jennings, 1998; Howe, Brody & Recchia, 2006).

### **Rivalidade entre Irmãos**

A análise da literatura do início do século XX permite perceber que só a partir de 1920 é que o tema da rivalidade entre irmãos começou a ser pensado pela comunidade científica (Stearns, 1988). Em Portugal, apenas em 1970 começaram a surgir estudos relativos à violência na relação fraterna e, recentemente, a rivalidade tem vindo a ser alvo de maior análise (Relva, 2015; Relva et al., 2013, 2014; Relva, Fernandes, & Alarcão, 2012; Relva, Fernandes, & Mota, 2012). Todavia, a violência fraterna é altamente frequente (Straus et al., 1980), sendo a forma mais comum de violência no contexto familiar (Widmer, 1999; Eriksen & Jensen, 2009; Relva et al., 2012; Relva, 2015).

Em 1923, Freud utilizou pela primeira vez o conceito de complexo fraterno que definiu como a hostilidade que a criança sente em relação aos irmãos, devido à ambivalência que a possibilidade de perda ou partilha do afeto dos pais traz. Diversos autores partilham esta perspetiva e consideram que a rivalidade entre irmãos acontece, sobretudo, devido à dificuldade das crianças em partilhar o amor materno (Calladine, 1983; Elyseu, 2003). Apesar de todas as referências à rivalidade na relação fraterna, ao longo do tempo, este conceito não tem uma definição consensual no meio científico (Pereira & Lopes, 2013). O aumento da investigação acerca deste tema ampliou a necessidade de o conceptualizar de forma objetiva, embora uma revisão da literatura tenha permitido perceber que este conceito é utilizado de forma indiscriminada (Relva et al., 2012), estando frequentemente associado a fenómenos como violência (Felson, 1983;

Goodwin & Roscoe, 1990; GrahamBermann et al., 1994), agressão (Felson, 1983; Duncan, 1999), e conflito entre irmãos (Duncan, 1999; Garcia et al., 2005). Na tentativa de distinguir os conceitos de rivalidade e competitividade, Boer (1990), indica que o primeiro se refere à tentativa de superar o irmão face ao olhar de um terceiro (i.e. fora da relação fraterna), enquanto que no segundo se procura superar o irmão apenas no seio dessa relação diádica. Segundo o autor, a rivalidade tem como principal objetivo superar o irmão, visto como rival, para obter o amor e o reconhecimento dos pais (Boer, 1990).

De acordo com Taylor (1988), a rivalidade fraterna diz respeito à disputa pelo amor, atenção e afeto dos progenitores, com foco especial na mãe. No entanto, segundo Fernandes (2002; 2005), a rivalidade entre irmãos surge não apenas devido à disputa do amor e afeto dos pais, como também enquanto necessidade dos irmãos delimitarem o seu espaço físico e psíquico no processo de construção das suas identidades, e conquistar o processo de individuação no seio familiar (Carter & McGoldrick, 2001). Além disto, fatores relacionados com temas provenientes da vida quotidiana da fratria como a partilha de objetos pessoais, divisão das tarefas domésticas (Felson, 1983; Dunn, 2000), diferenças e incompatibilidades ao nível da personalidade (McGuire et al., 2000), foram considerados na literatura enquanto elementos relevantes para a experiência de rivalidade.

A rivalidade fraterna pode potenciar o desenvolvimento de importantes recursos de socialização como a partilha, a cooperação e o apoio mútuo (Britto, 2002). A dinâmica entre irmãos é um lugar de rivalidade por excelência, sendo muito frequente que os mais novos desejem igualar ou superar os mais velhos, enquanto os mais velhos se esforçam por manter e assegurar o seu lugar de superioridade (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2007). Apesar de também promoverem violência (Vandell & Bailey, 1992), os conflitos entre irmãos revelam ter um papel fundamental no desenvolvimento social adequado, incluindo a expressão de agressividade (Kernberg & Richards, 1988; Faber & Mazlish, 1995; Fernandes, 2002). As estratégias de resolução de conflitos utilizadas perante situações de confronto e disputa, tornam o conflito numa experiência de aprendizagem e crescimento, facilmente aplicada a experiências fora do contexto familiar (Hardy et al., 2010). Assim, a rivalidade entre irmãos pode representar numa fonte de suporte fundamental na adaptação a diferentes ambientes e situações (Mota et al., 2017). Faber e Mazlish (1995) apontam ainda que a rivalidade na fratria permite às crianças invejar as qualidades e competências do outro, de forma recíproca, sentindo-se motivados para serem mais persistentes e procurarem o sucesso. Segundo Britto (2002), a experiência de rivalidade

permite desenvolver a capacidade para partilhar e promover alianças. Desta forma, o conflito pode ser construtivo, promovendo a conciliação e harmonia, ou destrutivo por envolver violência física e malevolência (Vandell & Bailey, 1992).

Ainda que as características individuais das crianças moldem a dinâmica familiar, incluindo a parentalidade (Bell, 1968), o modo distinto dos pais para se relacionarem com cada um dos seus filhos tem sido associado ao bem-estar e à qualidade da relação entre irmãos, na infância e adolescência, embora esta não tenha sido alvo de muita atenção na idade adulta (Connidis, 2001; Conger & Little, 2010; Jensen et al., 2013). O tratamento diferencial dos pais, com foco especial no tratamento materno, foi associado a menor qualidade da relação fraterna (Boll et al., 2003), e promotor de hostilidade e rivalidade entre os irmãos (Fernandes, 2005). Alguns estudos apontam que o tratamento diferencial dos pais é influenciado por fatores como a idade, o género e a ordem de nascimento (McHale et al., 2000; Scholte et al., 2007). O primogénito é, muitas vezes, visto enquanto projeto familiar e um modelo para os irmãos, o que pode tornar-se muito exigente para este e até promover conflitos associados às expectativas colocadas sobre ele na dinâmica familiar (Alarcão, 2000).

A regulação dos afetos e a reciprocidade do comportamento apreendidas na relação materna influenciam as emoções e comportamentos expressos em relações futuras (Crowell & Treboux, 1995), incluindo a relação fraterna. Neste sentido, as relações familiares podem promover uma competição saudável e equilibrada entre os irmãos, satisfazendo as suas necessidades emocionais, ou promover um meio hostil e conflituoso entre ambos (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2007). Quando o contexto familiar é promotor de um meio competitivo que compara as crianças, através de dicotomias e atribuição de papéis, a identificação com os mesmos contribui para a rivalidade (Furman, 1995). Além disto, a perceção de favoritismo e tratamento diferencial por parte dos pais foi associado a menor intimidade entre irmãos, quanto maior for a magnitude desse tratamento, até na idade jovem adulta (Jensen et al., 2013). O estudo de Carvalho, Relva e Fernandes (2018), teve como objetivo perceber a relação entre o género, o funcionamento familiar e as táticas de resolução de conflitos entre irmãos. Os resultados mostraram maior expressão de agressão física na fratria pelo sexo masculino, corroborando os resultados de estudos anteriores (Eriksen & Jensen, 2006; Relva et al., 2014; Relva, Fernandes, & Mota, 2012). Verificou-se um efeito preditor da qualidade do funcionamento familiar nas táticas de resolução de conflitos na fratria, sendo que o funcionamento equilibrado está

positivamente associado a táticas adequadas de resolução de conflitos (i.e. negociação), e o funcionamento desequilibrado a agressão (física e psicológica). A negociação é considerada a resolução de conflitos através do diálogo (Straus et al., 1996), contribuindo para maior satisfação na fratria (Carvalho, Relva & Fernandes, 2018).

Embora seja consensual na literatura a inevitabilidade e necessidade da rivalidade entre irmãos na infância, a permanência até à idade adulta é, para Kehl (2000), fruto de uma realidade onde se fomenta, ainda que de forma inconsciente, a fantasia de que na dinâmica familiar apenas há lugar para um no amor parental. Se por um lado, a força dos conflitos derivados do favoritismo dos pais pode prolongar a rivalidade entre irmãos até à idade adulta, por outro, esta rivalidade pode manifestar-se com menos intensidade nesta fase, em comparação com a infância, uma vez que os irmãos adultos, na maior parte das vezes, podem escolher a quantidade de contato e convivência que têm uns com os outros (Lanthier & Stacker, 1992). Além das intervenções parentais, fatores como o género, a constelação familiar e a diferença de idades são aspetos que intervêm na relação fraterna, facilitando ou dificultando-a (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2007).

## **O Presente Estudo**

A literatura aponta que a qualidade da relação entre irmãos depende em larga escala da transmissão parental de amor (Eiguer, 2001), do ambiente familiar e da relação com os pais (East, 2009; Ripoll et al., 2009). O modo como os pais se relacionam com os filhos pode potencializar a rivalidade entre os irmãos (Fernandes, 2005), devido à promoção de um meio hostil e conflituoso entre eles (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2007). Se por um lado, a indisponibilidade, instabilidade e insegurança face à figura materna estão associadas a maior hostilidade entre os irmãos (Alarcão et al., 2012; Whitemanet et al., 2011), por outro, a boa relação entre pais e filhos está associada a relações fraternas mais positivas (McHale et al., 2012; Scharf et al., 2005). No entanto, alguns estudos (e.g. McHale et al., 2012) apontam que, por vezes, a relação negativa com os pais pode levar a que os irmãos estabeleçam relações mais próximas e profícuas.

Embora existam diversas variáveis extremamente importantes para o estudo da rivalidade fraterna, como a relação com o pai e outros fatores familiares e contextuais, historicamente, a mãe é considerada o primeiro objeto de amor enquanto figura de cuidado primário. Na teoria da separação-indivuação de Mahler (1968), no início da

vida, a criança encontra-se num estado de indiferenciação psíquica com a mãe, adquirindo, progressivamente, através desta relação, um nível de desenvolvimento emocional que lhe permite separar-se psiquicamente e experienciar-se a si e aos outros enquanto objetos estáveis e independentes. De acordo com esta teoria, o modo como a criança interage e se relaciona com a mãe é a base da qualidade das suas futuras relações interpessoais, incluindo na vida adulta. Assim, a relação íntima e segura com a mãe proporciona maior capacidade da criança para desenvolver relações interpessoais positivas e seguras na vida adulta. Por outro lado, a relação com a mãe caracterizada por carência emocional e instabilidade afetiva pode levar a dificuldades para desenvolver relações íntimas e estáveis no futuro (Greenberg & Mitchell, 2003).

Salienta-se que embora exista um alargado conjunto de estudos relativos à rivalidade entre irmãos, estes focam maioritariamente a componente abusiva e violenta deste fenómeno, e os resultados estão longe de serem consistentes (Noller, 2005). É de referir a escassez na literatura a respeito da influência da relação com a figura materna na relação fraterna (Relva, 2015; Relva et al., 2012, 2014), sendo que não foi encontrado nenhum estudo que investigasse diretamente a influência desta relação na rivalidade entre os irmãos. Além de escassa, a investigação nesta área carece igualmente de estudos qualitativos (Relva et al., 2014). Assim sendo, o presente estudo visa contribuir para a investigação, propondo-se responder à seguinte questão “*De que forma a relação com o objeto materno tem impacto na rivalidade fraterna?*”. Para tal, incide na exploração da natureza e qualidade da relação com o objeto materno e da sua influência na rivalidade fraterna, a partir da perspetiva dos filhos. Neste sentido, os objetivos do presente estudo são compreender, especificamente:

1. A natureza e qualidade da *relação com objeto materno*: (a) como é que o filho descreve e representa a relação com a mãe; (b) de que forma a relação de objeto é sentida e elaborada pelo filho;
2. A rivalidade fraterna: (c) como é que o filho percebe o impacto da relação com a mãe na rivalidade fraterna; (d) como é que as características da fratria influenciam a qualidade da relação e o nível de rivalidade fraterna.

## MÉTODO

### **Delineamento**

O presente estudo tem um *design* misto sequencial, aliando uma metodologia quantitativa e qualitativa, sendo a recolha de dados realizada em dois momentos. A combinação das duas abordagens permite uma compreensão mais abrangente dos fenómenos em estudo, através da complementaridade dos dados, na qual a abordagem quantitativa permite obter uma visão geral de um determinado fenómeno e a qualitativa a exploração e compreensão detalhada da relação entre os fenómenos estudados, no contexto em que se inserem (Barker, Pistrang & Elliott, 2016). Esta associação metodológica permite ainda a triangulação dos dados recolhidos (i.e. perceber de que forma as evidências das duas metodologias convergem), aumentando a confiabilidade e consistência dos resultados, e a validade do estudo (Barker, Pistrang & Elliott, 2016).

Num primeiro momento, o recurso à abordagem quantitativa, através da aplicação do *Questionário da Relação de Irmãos Adultos (QRIA)* (Coutinho & Duarte, 2008), procurou introduzir e divulgar a presente investigação à população e recolher dados objetivos a respeito da qualidade da relação e do nível de rivalidade entre irmãos na idade adulta. Além disto, os resultados do questionário permitiram criar critérios de seleção para a entrevista. Para o segundo momento de recolha de dados, dada a natureza e complexidade do objeto da presente investigação, privilegiou-se uma abordagem qualitativa de carácter exploratório. A metodologia qualitativa permite ultrapassar as limitações da quantitativa, a partir do processo de significação da experiência no contexto, sem restringir as respostas dos participantes (Barker, Pistrang & Elliott, 2016). Uma vez que esta investigação quer perceber de que forma a experiência e significação individual da relação com o objeto materno (fenómeno inconsciente) influencia a rivalidade entre irmãos, a escolha do método procurou estar em concordância com a compreensão apropriada destes fenómenos.

Enquanto disciplina científica, o paradigma de investigação em Psicanálise considera o psiquismo um fenómeno que se inscreve em duas lógicas distintas, o consciente e o inconsciente, sendo os conteúdos e processos da dimensão inconsciente o seu objeto central (Green, 2003). Para aceder e explorar as representações internas e os fenómenos inconscientes do psiquismo, é necessário um método que permita a sua expressão e apreensão, a associação livre, uma técnica através da qual a dinâmica entre o consciente e o inconsciente se expressa em cadeias associativas, a partir da narrativa, de

formas não verbalizadas, e dos movimentos transferenciais e contratransferenciais (Rosado, Neves & Marques, 2015). A narrativa é considerada uma forma pela qual “a experiência humana se torna significativa, onde o pensamento, percepção e imaginação podem ser explorados e elaborados” (Hollway & Jefferson, 2000). Assim, a investigação narrativa, uma categoria da investigação qualitativa (Chase, 2003), permite aceder e compreender o processo de significação da experiência subjetiva através da narrativa do próprio (Chase, 2003). No paradigma psicanalítico, a análise dos dados faz-se através da interpretação, assente no pressuposto de que, além daquilo que o sujeito diz, é essencial o que é silencioso e indizível, de forma a compreender os conflitos psíquicos, as instâncias mobilizadas e os arranjos defensivos (Rosado, Neves & Marques, 2015), que interferem no significado e na interpretação daquilo que é narrado pelo sujeito (Hollway & Jefferson, 2000). Enquanto método inscrito num paradigma intersubjetivo, considera que o sujeito de investigação é um sujeito velado, ou seja, que é através da relação intersubjetiva (i.e. transfero-contratransferencial) que se produz o conhecimento. Assim, a interpretação dos dados é realizada sob o paradigma epistemológico construtivista que refere que a realidade e a produção de conhecimento são construídas a partir de interações e consensos intersubjetivos.

No sentido de responder aos objetivos e necessidades da presente investigação, e potenciar a emergência do objeto psicanalítico, uma vez que se pretende explorar fenómenos inconscientes da experiência subjetiva, a recolha e análise dos dados qualitativos teve por base o método da Entrevista Narrativa de Associação Livre (FANI – Free Association Narrative Interview) (Hollway & Jefferson, 2000). O objeto de estudo da FANI é a experiência interna do sujeito, a partir da inscrição numa situação que permite a sua expressão livre, constituindo cadeias associativas no seio de uma relação intersubjetiva entre o entrevistador e o entrevistado.

## **Participantes**

Na primeira fase de recolha de dados, sob a abordagem quantitativa, a amostra é composta por 158 sujeitos que colaboraram de forma voluntária, sendo critério de inclusão ter pelo menos um irmão e ser maior de idade. O processo de amostragem é não probabilístico, de conveniência e intencional tipo *snowball* (Marôco, 2021).

Os participantes têm idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos ( $M= 30.1$ ,  $DP= 10.8$ ). Destes, 107 são do género feminino (67.7%) e 51 do masculino (32.3%). Em relação ao nível de escolaridade, 40 completaram o Ensino Secundário ou inferior (25.3%), 68 têm uma Licenciatura (43,0%), 47 têm Mestrado ou superior (29.7%), e 3 referiram ter outro tipo de habilitações (1.9%). Quanto ao estado cívil, 118 são solteiros (74.7%), 20 são casados (12.7%), 17 vivem em união de facto (10.8%), e 3 são divorciados (1.9%) (Tabela 1).

**Tabela 1** *Caracterização Sociodemográfica da Amostra*

	N	Mínimo	Máximo	M	DP
Idade	158	18	63	30,1	10,815
<hr/>					
				N	%
Género	Feminino			107	67,7
	Masculino			51	32,3
Nível de Escolaridade	Igual ou Inferior ao 12º ano			40	25,3
	Licenciatura			68	43,0
	Mestrado ou Superior			47	29,7
	Outro			3	1,9
Estado Cívil	Solteiro			118	74,7
	Casado			20	12,7
	União de Facto			17	10,8
	Divorciado			3	1,9

Relativamente à caracterização da fratria, o número de irmãos varia entre 1 e 9 ( $M= 1.94$ ,  $DP= 1.48$ ). Quanto à posição na fratria, 69 dos participantes são filhos primogénitos (43.7%), 52 são 2.º filho (32.9%), 21 são 3.º filho (13.3%), e 16 indicaram ser 4.º filho ou superior (10.1%). Da variável constelação familiar, 144 participantes indicaram terem o mesmo pai e mãe (91.1%), 2 partilham o mesmo pai (1.3%), 11 têm a mesma mãe (7%), e 1 tem pai e mãe diferentes (0.6%). Em relação ao irmão no qual pensaram para responder ao questionário, 76 pertencem ao género feminino (48.1%) e 82 ao masculino (51.9%). A respeito da idade relativa, 77 são mais novos do que o participante (48.7%), 78 mais velhos (49.4%), e 3 são irmãos gémeos (1.9%) (Tabela 2).

**Tabela 2** *Caracterização Sociodemográfica da Fratria*

Variável	N	Mínimo	Máximo	M	DP
Número de Irmãos	158	1	9	1,94	1,48

  

Variável	N	%	
Posição na Fratria	1º Filho	69	43,7
	2º Filho	52	32,9
	3º Filho	21	13,3
	Outro	16	10,1
Constelação Familiar	Mesmo pai e mãe	144	91,1
	Mesmo pai	2	1,3
	Mesma mãe	11	7,0
	Pai e mãe diferentes	1	,6
Gênero do Irmão	Feminino	76	48,1
	Masculino	82	51,9
Idade Relativa	Mais novo do que eu	77	48,7
	Mais velho do que eu	78	49,4
	Somos Gémeos	3	1,9

Dos 158 sujeitos, 16 foram selecionados para participar na segunda fase da investigação, dos quais 8 apresentavam alto nível de rivalidade fraterna e 8 encontravam-se no extremo oposto com um nível mínimo de rivalidade com o irmão. A partir de uma amostragem por conveniência, foram considerados 3 sujeitos no estudo, cujas identidades foram codificadas através da letra inicial do seu nome, de forma a manter o anonimato: I é uma mulher de 26 anos, solteira, e a terceira de quatro filhos (2 irmãos rapazes e 1 rapariga); R é um homem de 36 anos, solteiro, tem 1 irmão e é o filho primogénito; V é uma mulher de 46 anos, casada, tem 1 irmão e é a primeira filha.

## **Instrumentos**

### Questionário sociodemográfico

Constituído por questões sociodemográficas relativas ao sujeito (i.e. Idade, Género, Nível de Escolaridade e Estado Cívil), e ao subsistema fraterno (i.e. Número de Irmãos, Posição na Fratria, Género, Idade Relativa e Constelação Familiar) (Anexo II).

As variáveis relativas ao subsistema fraterno foram consideradas em virtude de investigações anteriores, por estarem associadas à qualidade da relação entre irmãos (Stocker et al., 1989; Stocker & McHale, 1992; Goldsmid & Féres-Carneiro, 2007).

### Questionário da Relação de Irmãos Adultos (QRIA)

O QRIA é um instrumento cuja tradução e adaptação para a população portuguesa foi realizada por Coutinho e Duarte (2008) (Anexo III), a partir do original *Adult Sibling Relationship Questionnaire* (ASRQ), desenvolvido por Lanthier e Stocker (1992). Este é um instrumento de autorrelato cujo objetivo é perceber como as pessoas percebem a qualidade da relação com os irmãos na idade adulta. Neste sentido, avalia a percepção do próprio acerca dos seus comportamentos e sentimentos em relação ao irmão, assim como a percepção que têm sobre os comportamentos e sentimentos do irmão em relação a si. Os autores sentiram necessidade de desenvolver uma medida para estudar especificamente a natureza da relação entre irmãos na idade adulta, uma vez que esta difere fortemente das restantes relações entre adultos próximos, mesmo quando as dimensões do relacionamento são semelhantes.

O QRIA é constituído por 81 itens e 14 dimensões de relacionamento diádico, divididas em 3 fatores: (1) Relação Calorosa inclui as dimensões *suporte instrumental* (itens 15, 16, 61, 62), *suporte emocional* (itens 11, 12, 34, 35), *afeto* (itens 5, 6, 38, 39), *intimidade* (itens 2, 3, 24, 25, 28, 29, 57, 58), *admiração* (9, 10, 32, 33, 55, 56), *conhecimento* (21, 22, 44, 45, 47, 48, 51, 52, 67, 68), *similaridade* (itens 1, 23, 46, 69) e *aceitação* (itens 19, 20, 42, 43, 65, 66); (2) Conflito engloba as dimensões *antagonismo* (itens 26, 27, 49, 50), *poder* (itens 17, 18, 40, 41, 53, 54, 63, 64), *competição* (4, 13, 14, 36, 37, 59, 60), e *desacordo* (itens 7, 8, 30, 31); (3) Rivalidade com o *tratamento paterno diferencial* (itens 72, 73, 76, 77, 80, 81), e *materno* (itens 70, 71, 74, 75, 78, 79). Todos os itens, exceto os alusivos à rivalidade, são avaliados numa escala de *Likert* de 5 pontos, que varia entre 1 “*Quase Nada*” e 5 “*Extremamente*”. Os itens referentes ao fator *Rivalidade* são avaliados igualmente numa escala de *Likert* de 5 pontos, de 1 “*Eu sou normalmente o preferido*” até 5 “*O meu irmão é normalmente o preferido*”.

O instrumento original foi submetido a uma análise fatorial, verificando-se uma divisão da relação entre irmãos na idade adulta em 3 fatores que explicam 71% da variância total. O primeiro fator (*Relação Calorosa*), explica 41% dessa variância, o

segundo fator (*Conflito*) representa 21%, e o terceiro fator (*Rivalidade*) corresponde a 9% da variância total. A validade convergente obteve correlações entre irmãos de .60 para *Calor*, .54 para *Conflito* e .33 para *Rivalidade*, e a validade discriminante foi avaliada através de correlações cruzadas entre fatores, cuja média foi .14, sugerindo bons níveis de validade entre os fatores. Em relação à consistência interna, todos os itens apresentam um *alpha* de *Cronbach* entre .74 e .92.

A adaptação e validação do QRIA para a população portuguesa foi sujeita a análises fatoriais exploratórias e confirmatórias da sua estrutura e à avaliação da consistência interna, para testar e validar o modelo teórico e as relações hipotetizadas pelo instrumento original, verificando as qualidades psicométricas do instrumento (Coutinho & Duarte, 2008). À semelhança do original, encontraram-se 3 fatores com valores semelhantes de variância e consistência interna e com bons índices para os fatores *Relação Calorosa* e *Conflito*, com um *alpha* de *Cronbach* de .95 e .86, respetivamente. O fator *Rivalidade* apresentou um *alpha* de .57, que os autores explicam pelo número reduzido de itens que o constituem. Posto isto, este instrumento apresenta características psicométricas válidas e confiáveis, conferindo robustez na avaliação da qualidade do relacionamento entre irmãos na idade adulta.

#### Entrevista Narrativa de Associação Livre (FANI)

Nas abordagens de narrativas, o entrevistador é um ouvinte e o entrevistado um contador de histórias, sendo estas particularmente apropriadas quando o objetivo é compreender a experiência psíquica a partir dos significados atribuídos pelo próprio, permitindo a exploração de problemáticas identitárias e dos conflitos internos, tal como são os objetivos do presente estudo (Barker, Pistrang & Elliott, 2016). Neste sentido, a FANI mostra-se diferente de outras metodologias qualitativas pela inserção no princípio da Gestalt, isto é, a narrativa é analisada na sua totalidade a partir das associações livres dos entrevistados, garantindo que esta não é descontextualizada pela sua repartição em partes (Hollway & Jefferson, 2000).

Na obra *Vocabulário de Psicanálise* (Laplanche & Pontalis, 1991), o termo “associação” refere-se a “uma ideia que ocorre” e que permite o desencadear, de forma consciente ou não, de outras ideias e pensamentos. A associação livre é um método inerente à técnica psicanalítica que consiste em “expressar todos os pensamentos que

ocorrem ao espírito, tanto a partir de um elemento dado, como de forma espontânea” (Laplanche & Pontalis, 1991). Os autores apontam que as associações produzidas são um reflexo da experiência subjetiva de cada sujeito, inscrevendo-se na sua dinâmica defensiva. Freud, na obra *A Interpretação de Sonhos* (1900), sugere que quando é fornecido um ponto de partida, uma palavra ou um outro elemento indutor, consideram-se “livres” as associações que se desenvolvem a partir daí, uma vez que estas não são controladas por uma intenção seletiva. Assim, a associação livre é o ponto de partida para a exploração das cadeias associativas de um sujeito e exige a eliminação da seleção voluntária de pensamentos, de forma a ser possível revelar os mecanismos defensivos inconscientes e aceder às representações inconscientes (Laplanche & Pontalis, 1991).

A FANI é um método psicanaliticamente informado (Frosh & Young, 2008; Hollway, 2004; Hollway & Jefferson, 2000), isto é, a conceptualização e procedimento de análise recorre a pressupostos e ferramentas da teoria e técnica psicanalíticas, adaptadas ao contexto de investigação. Enquanto método indutivo (parte do material para a interpretação e procura de significados), a análise das narrativas procura perceber como é que os sujeitos investem afetivamente as suas experiências e representações, integradas no contexto relacional (Hollway, 2008). Enquanto método de exploração dos processos defensivos e das cadeias associativas que se estabelecem entre os conteúdos psíquicos livremente evocados (Hollway & Jefferson, 2000), proporciona a emergência do objeto inconsciente, através da relação intersubjetiva assente numa entrevista que facilita a construção de uma narrativa que se aproxime, o mais possível, da associação livre como é conceptualizada na teoria psicanalítica. Assim, este método foi desenvolvido com base em 4 princípios: (1) evitar questões “porquê”; (2) utilizar questões abertas; (3) evitar extrair histórias além das narradas livremente; (4) acompanhar e escutar atentamente a entrevista, utilizando o fraseamento da narrativa (Hollway & Jefferson, 2000).

Uma vez que os participantes tinham previamente respondido ao questionário a respeito da relação entre irmãos e lido o consentimento informado, que referia que a entrevista pretendia perceber o papel da relação materna na relação entre irmãos, os entrevistados foram convidados a falar livremente, a partir do estímulo inicial “*Gostaria que me falasse livremente sobre a sua infância*”. Ao permitir que os sujeitos se expressem livremente, é possível aceder aos pensamentos, emoções e conexões mais ou menos conscientes da sua experiência, a partir do desenvolvimento e forma da narrativa, das associações livres face às possíveis interferências do entrevistador, dos detalhes, pontos

ênfatisados e do discurso latente do sujeito, que refletem as suas dinâmicas mentais, relacionais e os respetivos significados (Hollway & Jefferson, 2000).

### **Procedimento de Recolha dos Dados**

Num primeiro momento, procedeu-se à elaboração do questionário, através da plataforma *Google Forms*, de acordo com os objetivos da presente investigação. O questionário dividiu-se em 3 secções: (1) Apresentação do Estudo e Carta de Consentimento Informado (Anexo I); (2) Questionário Sociodemográfico (Anexo II); (3) QRIA (Coutinho & Duarte, 2008) (Anexo III). No seguimento, o questionário foi divulgado *online* com recurso a um folheto informativo (Anexo IV), nas plataformas *Linkedin*, *Instagram* e *Facebook*.

Após a recolha dos questionários, os participantes foram selecionados e contactados através do e-mail para a realização da entrevista, no qual foi apresentado o objetivo geral (i.e. relação com a mãe e relação com os irmãos). A resposta positiva ao e-mail conduziu à determinação de um dia e local para a realização da entrevista. A primeira teve lugar numa sala reservada no ISPA, de forma a garantir a privacidade, e as seguintes foram realizadas *online*, através de uma chamada de vídeo. Com a duração média de 1h30min, cada entrevista foi realizada numa única sessão e gravada em formato áudio, com a autorização dos participantes. A gravação das entrevistas permitiu a sua transcrição na íntegra e uma análise detalhada. No início de cada entrevista, os participantes leram a Carta de Consentimento Informado (Anexo V), entregue em formato papel ou eletrónico, a partir da qual foram esclarecidas as questões colocadas.

### **Procedimento de Análise dos Dados**

Para a análise dos dados obtidos através do QRIA, criou-se a base de dados através da introdução das respostas no *software Excel*. Posteriormente, a base de dados foi inserida no *software IBM Statistical Package for the Social Sciences (IBM SPSS)* (v. 29), através do qual se realizou o processo de codificação das variáveis, análise métrica do instrumento e análise estatística dos dados.

Quanto à codificação, as variáveis *Idade*, *Número de Irmãos* e *Posição na Fratria* são quantitativas, pelo que não sofreram alterações. A variável *Género*, tanto do

participante como do irmão, foi codificada com o valor 0 para *Feminino* e 1 para *Masculino*. À variável *Nível de Escolaridade* foi atribuído 1 ao *Ensino Secundário e inferior*, 2 a *Licenciatura*, 3 para *Mestrado e superior*, e 4 a *Outro*. Na variável *Estado Cívil* foi atribuído 1 a *Solteiro*, 2 para *Casado*, 3 para *União de Facto* e 4 a *Divorciado*. À *Idade Relativa* foi atribuído o valor 1 a *Mais novo do que eu*, 2 a *Mais velho do que eu* e 3 para *Gêmeos*. Por fim, à variável *Constelação Familiar* foi atribuído 1 para *Mesmo pai e mãe*, 2 para *Mesmo pai*, 3 para *Mesma mãe* e 4 para *Pai e mãe diferentes*.

A análise das entrevistas realizou-se em 3 momentos. Em primeiro lugar, através de um grupo de intervisão constituído pela entrevistadora e 3 psicólogas juniores, a entrevista é lida na íntegra enquanto os membros do grupo tiram notas reflexivas (Hollway & Jefferson, 2000), a respeito do que sentiram e de aspetos relevantes a nível individual e relacional. Esta leitura abriu caminho para a posterior partilha e discussão das notas de cada membro do grupo, incluindo da entrevistadora, procurando-se a associação livre e a triangulação das hipóteses interpretativas de cada um. Além disto, são discutidas as impressões da entrevistadora acerca do discurso latente e da interação com os participantes, a respeito do contacto inicial, tom e ritmo do diálogo, postura corporal, e das sensações, pensamentos e fantasias durante e após a realização da entrevista. Estes aspetos contratransferenciais são indicadores da dinâmica do encontro e elucidam os processos psíquicos, significados inconscientes e afetos dos participantes (Hollway & Jefferson, 2000), relativamente ao tema em investigação. A análise coletiva do grupo de intervisão permite criar uma matriz, de acordo com os conteúdos relevantes e associações estabelecidas (Ramvi et al., 2019), acerca da relação com o objeto materno, rivalidade fraterna e influência do primeiro sobre o segundo. No segundo momento, é realizada uma análise individual em profundidade, na qual a entrevistadora analisa as sequências associativas das narrativas, considerando os movimentos psíquicos, os arranjos defensivos que influenciam as histórias narradas, a associação livre de ideias, os significados atribuídos pelo participante, e as dificuldades de compreensão durante a análise. Por último, é possível extrair os grandes temas, a partir da análise individual profunda (método dedutivo), e da matriz produzida pelo grupo de intervisão (indutivo).

## RESULTADOS

### Análise Métrica do QRIA

#### *Fiabilidade*

Para a análise da fiabilidade dos 3 fatores que compõem este instrumento, operacionalizados em 14 dimensões, utilizou-se o critério de *Alpha* de *Cronbach*, que mostrou valores apropriados, indicando boa consistência interna ( $\alpha > .7$ ) (Anexo VI).

#### *Sensibilidade*

Em relação à sensibilidade do instrumento, recorreu-se à medida de tendência central, mediana, aos valores mínimo e máximo, e aos índices de assimetria e curtose, para perceber se a distribuição dos itens respeita os pressupostos de normalidade. Nenhum dos itens apresenta a mediana num dos extremos, isto é, não se verificam efeitos de chão/ teto, pelo que foram encontrados valores robustos de assimetria e curtose, respetivamente  $< |3|$  e  $< |7|$ , indicando que nenhum dos itens da escala apresenta desvios grosseiros aos pressupostos da normalidade (Anexo VII).

### Análise Estatística dos Resultados do QRIA

A análise da associação entre as diferentes dimensões foi feita através de uma correlação de *Pearson*. Valores maiores que 0 indicam uma associação positiva (i.e. à medida que o valor de uma variável aumenta, o mesmo acontece com o valor da outra); e valores menores que 0 indicam uma associação negativa (i.e. à medida que o valor de uma variável aumenta, o valor da outra diminui) (Mâroco, 2021).

A matriz de correlação de *Pearson* (Anexo VIII), permite concluir que a dimensão *Antagonismo*, correlaciona-se significativa e positivamente com as dimensões *Suporte Emocional* ( $r = .255; p < .01$ ), *Admiração* ( $r = .259; p < .01$ ), *Conhecimento* ( $r = .178; p < .01$ ), *Similaridade* ( $r = .261; p < .01$ ), e *Aceitação* ( $r = .388; p < .01$ ). Assim, quanto maior a perceção de antagonismo, isto é, de crítica e discórdia na fratria, maior a perceção de suporte emocional, admiração, conhecimento, similaridade e aceitação. A dimensão *Poder* tem uma associação significativa e positiva com as dimensões *Suporte Emocional* ( $r = .216; p < .001$ ), *Admiração* ( $r = .209; p < .01$ ), e *Aceitação* ( $r = .343; p < .01$ ), sugerindo que quanto maior a perceção de poder na fratria, maior a perceção de suporte emocional, admiração e aceitação entre os irmãos. Por fim, a dimensão *Desacordo* tem uma

associação significativa e positiva com a *Aceitação* ( $r = .270$ ;  $p < 0.01$ ), indicando que quanto maior é a percepção de desacordo entre os irmãos, maior a aceitação da “personalidade”, “ideias” e “estilo de vida”. Do fator Rivalidade, a dimensão *Tratamento Paterno Diferencial* só apresenta uma associação significativa e positiva com a dimensão *Afeto* ( $r = .160$ ;  $p < .05$ ), sugerindo que quanto maior a percepção de tratamento diferencial por parte do pai, maior o afeto na fratria. Por outro lado, a dimensão *Tratamento Materno Diferencial* correlaciona-se significativamente e positivamente com a dimensão *Suporte Emocional* ( $r = .161$ ;  $p < .05$ ), quanto maior a percepção de tratamento diferencial da mãe entre os irmãos, maior a percepção de suporte emocional.

De forma a verificar se existem diferenças significativas a respeito da Qualidade da Relação e da Rivalidade fraterna entre grupos, foram realizados testes *T-student*, para amostras independentes, nas variáveis constituídas por 2 níveis (i.e. Género do participante e Género do irmão), e *ANOVA one-way* para as variáveis operacionalizadas em 3 ou mais níveis (i.e. Posição na Fratria, Idade Relativa e Constelação Familiar) (Marôco, 2021).

A respeito da Qualidade da Relação, na variável Género do participante, os resultados mostram diferenças significativas, entre o género feminino e masculino, na dimensão *Competição* [ $t = -2.120$ ;  $p = .036$ ] (Anexo IX), sugerindo que os sujeitos do género masculino ( $M = 2.375$ ;  $DP = 0.896$ ) consideram haver mais competição na fratria, comparativamente aos sujeitos do género feminino ( $M = 2.087$ ;  $DP = 0.750$ ) (Anexo X). Em contrapartida, na variável Género do irmão, os resultados mostram diferenças significativas na Qualidade da Relação nas dimensões *Suporte Emocional* [ $t = 2.377$ ;  $p = .019$ ], *Afeto* [ $t = 1.999$ ;  $p = .047$ ], *Intimidade* [ $t = 3.166$ ;  $p = .002$ ], e *Admiração* [ $t = 2.066$ ;  $p = .040$ ] (Anexo XI). A partir da observação dos valores médios dos dois grupos, os participantes percebem haver maior suporte emocional, afeto, intimidade e admiração na relação fraterna, quando os irmãos são do género feminino, comparativamente aos irmãos do género masculino (Anexo XII). Em relação à Rivalidade fraterna, não foram encontradas diferenças significativas entre os géneros feminino e masculino, na variável Género, tanto do participante como do irmão.

Por último, a respeito da Qualidade da Relação e da Rivalidade nas variáveis Posição na Fratria (Anexo XIII), Idade Relativa (Anexo XIV) e Constelação Familiar (Anexo V), verificou-se que não existem diferenças significativas entre os grupos.

## ANÁLISE DAS NARRATIVAS

### I (FEMININO, 26 ANOS)

A entrevista começa com um estímulo inicial “*Gostaria que me falasses livremente sobre a tua infância*”, ao qual responde de forma defensiva sem falar de si ou da sua infância, mas relata de forma funcional a estrutura e ordem familiar “*os meus pais ainda estão juntos e nós somos quatro irmãos. O meu irmão mais velho é de 90, a minha irmã de 92, eu sou de 96 e o meu outro irmão é de 2001*”. Ao referir “*Nós vivemos sempre juntos, durante o ciclo normal das coisas*”, nota-se a primeira divergência discursiva, em relação ao decorrer da narrativa, na qual refere repetidamente a disfuncionalidade das relações familiares “[referente à mãe] *estou a falar (...) de uma relação que é disfuncional*”, “*nós fomos todos uns disfuncionais babies, estávamos sempre a discutir*”, “*nem tou a dizer que não é normal os irmãos discutirem, nós era mais do que isso, não nos dávamos mesmo*”, ficando a ideia de que gostaria de sentir que a sua experiência familiar fosse diferente daquela que vive.

Introduz de seguida o irmão mais velho, em relação ao qual respondeu ao questionário, e invoca-o a partir dos aspetos que causam estranheza e desconforto “*em casa (...) não fala com ninguém, não conta nada (...) para uma pessoa que tem 33 anos isso é estranho (...) não é normal*”, referindo a estranheza e dificuldades para sonhar e pensar este irmão “*é com quem tenho uma relação mais complexa e, dos quatro (...) quem tem uma personalidade mais complexa*”. Ao descrever elementos passíveis de serem reconhecidos e admirados, I. rejeita e ataca-os “*este meu irmão é extremamente inteligente (...) e isso torna-o arrogante*”. Quando refere que é com este irmão que tem “*a relação mais complexa*” e que ele é o “*palhacinho do grupo, divertido e bem-disposto*” e “*depois em casa não fala (...) por uma coisinha mínima fecha-se, fica maldisposto e responde mal*”, “*Não me lembro dele brincar comigo*”, expressa a angústia por sentir que não consegue estabelecer com ele uma relação íntima. Ainda assim, mostra o desejo de estar próxima do irmão “*eu quero dar-me bem*”, embora não saiba como fazê-lo “*comecei a criar (...) anticorpos (...) não sei ser 200% amiga do meu irmão*”. A expressão “*200%*” utilizada ao longo da narrativa remete, por um lado, para a intensidade com que tudo é sentido e, por outro, para o mecanismo de clivagem e mutualidade da dinâmica relacional vivida com o objeto (i.e. vítima/ agressor). Na tentativa de descrever a sua vivência, I. enuncia repetidamente que, no tempo em que viveram juntos, o irmão “*nunca saía do quarto*”, refletindo as dificuldades de aproximação, que são reforçadas por sentir que só

foi possível aproximar-se quando se afastaram geograficamente “*só nos aproximamos quando ele foi morar para França e eu fui morar sozinha*”. Assim, expressa a intrusão que sente face à proximidade das relações, que são menos ameaçadoras e desorganizadoras quando vividas com uma certa distância “[em relação à mãe] *não vivermos juntas ajuda muita coisa (...) quaisquer pais, filhos, irmãos, quando não vivem juntos (...) acabam por se dar melhor... porque quando vivem juntos vais saturando muita coisa (...) irritas-te com a loiça que está suja, com alguma coisa que está sempre desarrumada, e isso satura as relações*”.

Ao longo da narrativa, utiliza o irmão para expressar o seu mundo interno através dos mecanismos de *projeção* e *identificação projetiva*, nomeadamente, a angústia relativamente à mãe “*é porque estás mal resolvido (...) acho que tudo isto tem muito a ver com a relação com a minha mãe*”, “*há um trigger, principalmente com a minha mãe*”, “*temos todos uma relação um bocado complicada com a minha mãe*”, “*associo muito isto à minha mãe, por causa da relação horrível que ele tem com a minha mãe*”; e os impulsos agressivos que não reconhece em si, identificando o irmão com as partes malignas do *self* “*Sendo ele uma pessoa que cobra imenso quando as pessoas falham*”. Ao manifestar a sua agressividade contra o irmão, esta é justificada com as atitudes do objeto “*estou habituada a que ele seja bruto (...) então sinto que também sou de volta, mas isso não é algo consciente*”.

Quando questionada sobre “*como eram esses momentos*” ou “*como se sentiu*”, recorre aos mecanismos defensivos supracitados, na tentativa de não contatar com a angústia da sua experiência interna, referindo como o outro se sente “*Revirava os olhos e dizia que nos juntávamos contra ele (...) era sempre assim*”, “*Sentia que era estranho (...) por causa da relação horrível que ele tem com a minha mãe*”. Através destes movimentos, é possível inferir que I. atribui à mãe responsabilidade pelas partes malignas e negadas do *self* “*sinto que ele acha que foi ficando para trás e ficou todo lixado, emocionalmente falando*”, e começar a perceber como I. representa o objeto materno, uma mãe que não consegue amar nem cuidar de vários filhos, sendo os mais velhos esquecidos quando surgem os seguintes “*ele foi o filho único, e quantos mais irmãos fomos sendo mais ele ficou revoltado e a fechar-se*”.

Ao longo da narrativa, expressa que não teve oportunidade de verbalizar nem simbolizar o que sente “*nunca disse isto a ninguém*”, “*engraçado falar sobre isto (...) já tinha pensado sobre, mas nunca o tinha exteriorizado*”, uma vez que sente não ter

relações familiares íntimas o suficiente que permitisse um espaço seguro de partilha e elaboração das experiências internas “*acho que nunca tinha tido um espaço assim com alguém que me ouvisse tanto e estivesse interessada*”. Assim, estas continuam a ser sentidas de forma angustiante, intensa e desorganizada “*quando falas em voz alta as coisas tornam-se mais concretas e mais arrumadas. Como tens que expressar, obrigatoriamente, tens que arrumar as coisas em caixas [aquilo que na cabeça está] um turbilhão (ri)*”. Apesar das divergências discursivas em relação à experiência interna dolorosa, I. acredita na sua capacidade de pensar o seu mundo interno “*Comecei a aperceber-me disso há pouco tempo, talvez há um mês... gosto muito de pensar sobre as coisas*”, “*gosto muito de falar sobre tudo o que mexe comigo, tudo o que envolve sentimentos e traumas, coisas do passado e que nos formam. Pais em específico, acho que não falo tanto*”. Ao referir “*nunca falei disto desta forma com ninguém, mas não me custa*”, revela que o dito é contrário ao sentido, recorrendo ao mecanismo de *isolamento do afeto* para conseguir aceder à experiência angustiante. É interessante pensar que, no início da narrativa, I. não reconhece as angústias como suas e que, através da oportunidade de ter um espaço no qual se sentisse ouvida e compreendida, foi possível adquirir maior capacidade para se apropriar delas. No entanto, este movimento faz-se acompanhar por um outro de compensação da dor no qual, apesar de reconhecer a angústia face à mãe, esta é colocada no passado “*eu tou bem na vida, tenho o meu trabalho, a minha casa, os meus projetos (...) não preciso de estar sempre a ser contaminada, ela estava a ser uma pedra no sapato*”, na tentativa de se afastar dela.

Quando exposta à zanga do irmão mais velho relativamente à diferença de investimento dos pais para com o irmão mais novo “*começou a expor a sua revolta de uma forma que eu não tinha consciência (...) já viram o que os pais ofereceram ao Diogo? (...) quando era eu não era assim*”, I. não consegue tolerar a realidade invocada “*torna-se cansativo, ele está sempre com estas conversas*”, dizendo repetidamente ao irmão “*let it go*”, num esforço para que a própria não seja obrigada a pensar sobre essa realidade. Apesar de ser o irmão a trazer a angústia à tona e de I. não conseguir pensar nem enfrentá-la, recorre à *projeção* “*ele não consegue, ele não pensa muito em tudo o que sejam sentimentos*”. Embora se identifique com a angústia relativamente à diferença de investimento da mãe, não reconhece a sua dor, sendo a única forma de a tornar concebível através de uma posição de proteção do objeto “*compreendo os meus pais, são fases diferentes da vida, na altura do meu irmão mais novo tinham mais dinheiro, menos*

*coisas para pagar (...) eu consigo aceitar isso (...) a nossa mãe ajuda em tudo o que pode e o meu irmão não vê isso*". Desta forma, esforça-se por "*explicar o lado dos pais*" ao irmão tentando, a todo o custo, justificar a si essa realidade e evitar contactar com a dor. Para si, o "*dinheiro que os pais gastam*" simboliza o investimento afetivo "*não tem a ver com o dinheiro*", utilizando novamente o irmão para expressar a sua realidade interna, sentida como intolerável "*ele está sempre a comparar-se, parece que precisa de uma indemnização, alguma coisa que o recompense porque isso mostra que ele tem a mesma importância*". No entanto, as diferenças entre a sua relação com a mãe relativamente à relação desta com o irmão mais novo são de tal forma desorganizadoras que I. o intitula de "*neto*", manifestando a desvalorização do irmão que perde o seu estatuto de filho. Assim, o irmão mais novo surge na narrativa através de uma representação clivada entre contraste e espelhamento. Por um lado, é colocado na posição de "*neto*" por ser quem imagina estar mais próximo da mãe e, por outro, é com quem mais se identifica e de quem está mais próxima "*o meu irmão mais novo é bue cool, dou-me bué bem com ele (...) eu e ele temos os mesmos gostos, frequentamos os mesmos bares (...) eu e ele pensamos da mesma forma*".

Embora seja o irmão mais velho a trazer emoções que I. recusa sentir e explorar refere "*dizer tudo aquilo que penso (...) abriu-me mais portas do que aos meus irmãos porque eles não dizem absolutamente nada acerca de sentimentos*", sobrevalorizando-se em contraposição à culpa que vive por expressar o que sente. Ao evacuar no exterior os conteúdos não elaborados da sua experiência interna "*disse tudo aquilo que queria nesta vida, mas não da melhor forma. Dizia como sentia, às vezes como ataque, não eram conversas ponderadas*", fica a ideia de que aquilo que sente é demasiado violento e ameaçador para tolerar sozinha. Este movimento de evacuação gera culpa por atacar a mãe, deslocando para si a culpa na tentativa de aliviar a agressividade dirigida contra o objeto "*sempre culpei muito a minha mãe, ela é que é terrível, ela é que tem um feitio horrível (...) mas tenho que reconhecer que eu não fui fácil*", "*fui complicada, eu sei*".

No seguimento, sobrevaloriza os atributos funcionais do objeto materno, criando a ilusão de que estes compensam as falhas afetivas que sente "*a mãe ajuda em tudo o que pode (...) tenta estar mais presente de outras formas, em coisas mais concretas, como mudar de casa (...) ou com o trabalho, tenta ver se tem contatos na área. Ela tenta ajudar assim, e isto para mim tem muito mais valor, afinal de contas isto é o step by step da vida, não é?*". No entanto, expressa a necessidade de estar profundamente ligada ao objeto

materno “*claro que ainda não temos conversas profundas*”, “*a minha mãe é designer de interiores e quando mudei de casa, ela fez-me 3 projetos para a casa*”, na tentativa de reparar a relação e reconstruir o seu mundo interior, embora em distonia. Se por um lado, a proximidade constitui uma ameaça devido ao risco de se confrontar com a fragilidade da angústia interior “*o meu irmão ficava (...) em pânico por irmos para o meio do nada, fechados com eles numa casa. Eu também era assim (...) quando era adolescente, ninguém gosta de estar com os pais*”. Por outro, não suporta estar muito longe do objeto materno “*Agora que eu tou longe, longe entre aspas, já não estamos na mesma casa, mas vivemos super perto*”. Esta ambivalência entre desejo e necessidade, reflete-se nas dificuldades para se aproximar afetivamente da mãe “*não consigo imaginar isso sequer (...) na teoria talvez, mas na prática acho que não*”, rejeitando-a “*a primeira coisa que eu pensei foi que não queria ir para casa, porque casa é o último sítio onde eu me sinto acolhida (...) Não é a minha zona de conforto (...) era a última pessoa com quem me apetecia falar*”.

Os pensamentos persecutórios em relação à mãe, são vivíveis ao longo da narrativa, nos quais sente que a mãe está próxima de si para invadir e penetrar “*queria parecer uma bacana para nós passarmos mais tempo em casa e conhecer as pessoas que faziam parte do nosso núcleo de amigos*”, “*Agora já não me pode controlar, saber onde estou, com quem, ver as minhas coisas, arranja outras formas para estar conectada somehow*”, sem limite “*não quero que a mãe me vá ouvir cantar (...) não me apetece mesmo tê-la lá e, ainda assim, ela apareceu lá (...) depois de lhe ter pedido por favor para não ir*”, “*eu desliguei e ela ligava-me non-stop, eu queria desligar e pedi-lhe por favor para me deixar desligar o telemóvel*”. Perante uma fantasia de aniquilamento “*estou na discoteca levo um tiro e ela nem sabe que eu lá estou*”, reforça a ideia de uma desconexão emocional e afetiva com a mãe que não a consegue proteger.

Ao introduzir uma experiência traumática e um namorado que “*teve um acidente e ficou tetraplégico*”, fá-lo para falar da mãe, a pessoa que mais precisa, apesar de sentir que esta não consegue acolher nem suportar a sua angústia “*eu só conseguia chorar. A solução da minha mãe foi queres ir às compras? Podes escolher o que quiseres*”. A falta de um encontro afetivo, no qual sintia que as suas necessidades e sofrimento são reconhecidos, materializa-se na insuportabilidade para sentir o toque da mãe “*se me tentasse abraçar (...) seria estranho, não seria reconfortante. Nunca dei um abraço à minha mãe, não tive nunca o hábito de lhe dar beijinhos. Estava num mix super estranho*

*porque carinho físico não iria resultar, coisas materiais também não*". Assim, reage através da rejeição do objeto *"aceitar que não era o momento para estarmos juntas (...) dar espaço ao outro (...) ela não era a minha pessoa de conforto"*.

O objeto materno é vivido a partir de uma rede de representações clivadas, isto é, contrastantes e impossíveis de integrar *"a minha mãe é muito complicada, ela tem 2 partes, teve uma educação militar, mas andou nas belas-artes, é super estranho (...) tanto é muito de regras, horários e conservadora (...) como é artista (...) tem esses 2 lados (...) acaba por torná-la bipolar"*. Assim, refere a inconstância do objeto materno *"do nada (...) não sabemos o que esperar. Às vezes parece que faz coisas todas malucas, e do nada diz (...) não acho isto nada normal, outras vezes acha engraçado, são coisas muito específicas que ela ou vira para um lado ou para o outro, e tu não sabes o porquê (...) é super imprevisível"*, expressa a insegurança e instabilidade vividas na relação com a mãe, cujos sinais não são suficientemente claros, confundindo-a e reforçando o objeto com partes opostas e difíceis de integrar. Ao descrever a mãe, fá-lo a partir dos aspetos negativos e agressivos, refletindo a predominância do mau objeto interno, além de o fazer de forma confusa, identificando-se com o objeto materno *"somos as duas super impulsivas e explosivas", "nós as duas temos feitiços terríveis", "sempre me viu de forma infantil (...) mas ela também é infantil", "sempre esperou muito de mim (...) ela gostava que eu fosse diferente em tantas coisas"*.

É de salientar que I. fala da mãe ou dos *"pais"* em conjunto. Ao introduzir o pai, descreve-o como *"uma pessoa mesmo calma, que não gosta nada de confusões nem de conflitos"* e, rapidamente, volta a falar da mãe, um movimento que é visível em outros momentos da narrativa *"compreendo os meus pais (...) a nossa mãe ajuda em tudo o que pode"*. Desta forma, I. não consegue conceber o pai como um ser diferenciado, sendo este uma extensão do objeto materno *"[o pai] se vai estar sempre de acordo com aquilo que a minha mãe diz então vocês são um", "eu ainda a convido para fazer coisas porque ela e o meu pai estão juntos (...) não posso estar só com um quando eles vivem juntos e estão juntos na mesma casa"*. No desespero, durante *"discussões mesmo hardcore"* com a mãe, suplica pela proteção do pai, *"pai por favor estamos todos a ver que isto é ridículo"*, embora não consiga aliar-se à figura paterna *"o meu pai só dizia 'estou com a tua mãe', não dizia nada, nunca se queria meter"*, um homem sem voz que reforça a predominância psíquica do objeto materno, onipotente e totalitário, dificultando a triangulação da

relação. Além disto, sente-se abandonada pelo pai *“tudo aquilo que a minha mãe julga o meu pai não vê sequer”*.

Se, por um lado, I. sente um intenso desejo de ser independente e se separar da mãe *“comecei a trabalhar aos 16 anos porque ela estava sempre a ameaçar-me”, “não tinha qualquer coisa que me prenda a eles (...) se a nossa relação era para ser à base disto, eu prefiro que não haja (...) não vou, não quero. Sou independente, não dependo deles”, “posso mesmo ir embora e no regrets... (ri) é que não olho mesmo para trás”*. Por outro, não tem os recursos psíquicos para desistir da relação com o objeto materno e individuar-se plenamente, esforçando-se para reparar a relação *“disse-lhe que se alguma vez na vida ela quiser fazer algum progresso então tem que ouvir os filhos dela, um por um”, “apetece-me dar o teu número à minha mãe para ela também ter oportunidade de fazer isto”, embora não o reconheça “disseram uma coisa que eu nem tinha consciência, que é eu ser a pessoa que mais convida e quer combinar coisas”, “não posso querer estar sempre a resolver as coisas e a querer ficar bem, se assim tenho mais paz, dá-me igual (...) já tirei de mim a pressão de ser minha mãe”*. Neste sentido, tudo o que conquista é uma busca constante por reconhecimento do objeto materno, para que veja e aprecie o seu valor *“ter tudo estabelecido e conquistado sozinha pode ter contribuído para que ela me veja de uma forma mais adulta”,* ainda que duvide dessa admiração e do espaço que ocupa dentro do objeto *“honestamente não sei se ela vê”*.

I. sente que a mãe não consegue pensar os seus filhos *“é uma coisa que a minha mãe me está sempre a dizer (...) não percebo porque é que ele [o irmão] é assim”,* nem elaborar a raiva e experiências angustiantes *“apenas ignoramos tudo e isso faz com que nada se resolva realmente (...) Ignora-se até ficar tudo bem, ou aparentemente bem (...) acabámos de discutir e passado 1 hora fala-me como se nada fosse (...) é super estranho”*. De igual forma, I. sente-se incapaz de tolerar e transformar os seus estados internos, cuja violência toma conta de tudo aquilo que sente *“isso contamina-me muito mais e fico o resto do dia assim, consome demasiado o meu dia porque a verdade é que contamina”*. Ao referir *“torna-se mesmo desconfortável estar com ela [a mãe] quando estou mesmo mal”,* infere-se uma iliteracia emocional na qual emoções como a raiva e a tristeza podem ser demasiado intensas para serem toleradas, reconhecendo-as como desconforto. A proximidade da mãe evoca fantasmas que a desorganizam, convocando uma regressão a uma posição infantil *“com a minha mãe (...) é como se regredisse (...) sou zero adulta (...) uma coisa quase infantil (...) com ela sou bué infantil, e depois penso*

*que já sou crescida e que já estou resolvida em tanta coisa, tento ser ponderada e não consigo (...) chego lá e volto a 2015*". Embora deseje alcançar uma transformação psíquica, percebe a necessidade de ter objeto materno para sustentar essa mudança "O mais difícil é aceitar que queres resolver algumas coisas, que estás a fazer isso contigo e quando voltas percebes que as outras pessoas não pensam sobre as coisas nem evoluíram (...) é frustrante resolveres-te sozinha". Desta forma, reage através do afastamento da sua agressividade, na tentativa de se adaptar e sentir-se menos ameaçada pelas angústias "Houve uma altura em que eu ainda fazia um esforço, mas (...) se vai dar asneira, para quê fazer o esforço? (...) Parecia que estava alguma coisa errada e que eu tinha que fazer o esforço por aceitar, por resolver (...) mas se com amigos nós não insistimos na relação até à morte, não estamos ali a forçar, então porque é que tenho que fazer isso com a minha mãe?".

Quando questionada sobre "com quem se dava melhor em casa" refere "muda todos os anos, é tudo mau... (ri) (...) não consigo escolher um, uma mãe não tem filhos preferidos", identificando-se com o objeto materno para expressar o profundo desejo de que a sua mãe não tivesse filhos preferidos. No entanto, ao ser confrontada com o que disse recorre ao mecanismo de *negação*, devido à insuportabilidade da ideia de haver um filho preferido "nem estou a falar da minha", de tal forma que desvia para a própria palavra que passa a ser "bue feia". Ao referir "não é crime" ter filhos preferidos, mostra que é intolerável pensar essa realidade que apenas pode ser concebida através de uma *clivagem*, na qual polariza os filhos que consegue imaginar "Se tens um filho que é um inferno na terra e outra que é a tua melhor amiga, não me digam que não há".

No final da narrativa, introduz a irmã, a única vez que a refere. À semelhança do irmão mais velho descreve a irmã como ausente e distante, não conseguindo estabelecer com ela uma relação afetiva significativa "nunca me dei bem, nem muito nem bem (...) não nos dávamos mesmo, não falávamos, aliás se nos víssemos na rua fingíamos que não nos conhecíamos (...) era um inferno, o fim do mundo (...) cada uma no seu quarto". Apesar de referir a violência desta dinâmica relacional "discutíamos à séria ou não nos falávamos", e a falta de confiança "não temos uma relação de intimidade, de todo", sobrevaloriza a convivência em contexto laboral "Há um ano que trabalhamos na mesma empresa (...) Acabei por conhecer um lado dela que não conhecia, e acabamos por falar quase todos os dias por causa do trabalho (...) temos jantares de empresa, às vezes bebemos copos juntas, o que nunca tinha acontecido, por isso estou a dar-me bué bem

*com ela*”. No entanto, não consegue conceber uma relação íntima e afetiva entre as duas “*Dar-lhe um beijinho? Ew, não... (ri)*”, “*só de pensar falar certas coisas com ela (...)* *dizer-lhe que vou ter um date... ew, não! (ri)* *Nem quero pensar, é tao estranho ew*”. A expressão “*ew*” simboliza o nojo associado a uma manifestação física de afeto, refletindo conteúdos mentais não pensados e que I. não consegue expressar por palavras, fazendo-o na ordem das sensações.

Por último, finaliza o discurso com “*gostei muito de falar sobre isto, acho que nunca tinha tido um espaço assim com alguém que me ouvisse tanto e estivesse interessada. A verdade é que a minha história é o que é, parece que as pessoas têm imensos tabus e acham que os outros podem usar aquilo que sabem contra nós para nos magoar*”. Apesar da confiança depositada no espaço e relação intersubjetiva criada durante a entrevista, expressa o afeto depressivo decorrente do ato de pensar a sua história e experiência interna, e o medo que o encontro íntimo com o outro provoca, o medo persecutório, no qual o objeto é sentido como maligno e vingativo. É de salientar que, ao longo da narrativa, I. cria cadeias associativas através das quais expressa, de forma espontânea, a sua experiência interna, sendo que a defesa surge depois do conflito expresso, na tentativa de se defender da carga emocional dos seus movimentos psíquicos “*(para) estou a pintá-lo, parece que ele é uma besta, mas pronto estou a falar disto em específico*”. Além disto, notam-se outras divergências discursivas face à possibilidade de entrar em contacto a angústia, recorrendo ao riso na tentativa de escapar da carga emocional do que sente “*não foi fixe (ri)*”, “*fiz um grande progresso emocional (ri)*”, “*nunca disse isto a ninguém (ri)*”. Face à oportunidade de entrar em contacto com a fragilidade na relação intersubjetiva “*eu nunca fui vulnerável com [a mãe], nunca lhe disse o que pensava ou que sentia*”, esse movimento psíquico é de tal forma ameaçador que quebra a cadeia associativa, apelando para que a entrevistadora assuma o controlo da conversa “*mas eu falo muito, podes fazer-me as tuas perguntas (ri)*”. Estes movimentos refletem transferências da dinâmica relacional vivida com o objeto, na qual este se define através da função de apoio face a situações ansiogénicas.

### **R (MASCULINO, 35 ANOS)**

Face ao estímulo inicial “*Gostaria que me falasses livremente sobre a tua infância*”, R. inicia a narrativa com uma sequência associativa marcada por enunciações contraditórias “*a minha infância foi muito boa, eu não tenho muitas recordações (...)*

*aquilo que aconteceu da minha mãe se ter separado do meu pai afetou-me, mesmo muito, e tudo o que foi para trás disso, acho que houve um shutdown muito grande (...) foi mesmo uma cena muito má*". Contudo, desvaloriza o dito anteriormente "*mas eu lembro-me de ser muito feliz, graças a Deus nunca me faltou nada, aliás sempre tive tudo (...) não tenho nada a queixar-me*", refletindo a incapacidade para tolerar a angústia. Em contrapartida, no final da narrativa, refere a dor que sente em relação à sua realidade interna "*por isso é que eu acho que não tenho muitas recordações, senão ficava a massacrar-me o resto da vida*". Ao referir "*quando vejo fotografias vou buscar algumas coisas, mas não tenho assim grandes recordações (...) só por fotografias*", utiliza as fotografias para criar uma imagem da sua história, de acordo com o que desejaria, na tentativa de negar o sofrimento que a realidade acarreta. No seguimento, invoca uma experiência que o deixa fragilizado "*a partir de uma certa idade, sofri um bocadinho por ter os olhos tortos. Quando os miúdos se começaram a aperceber, era sempre (...) tens os olhos tortos, e isso mexia um bocado comigo*". No entanto, à semelhança do movimento anterior, expressa-se em contradição e desvaloriza a dor da experiência invocada "*mas beside that nunca tive assim nada, nunca me faltava nada*".

De seguida, através de uma imagem dinâmica do corpo em movimento, expressa uma abstração da sua experiência interna "*andava na rua aos pulos e aos saltos*", um compromisso entre imaginação e projeção de forma a sustentar a ideia de ter sido "*feliz*", como se a verbalização não fosse suficiente para o reconhecer. Ao comparar-se com aquilo que imagina ser a realidade do outro, tenta sobrevalorizar-se e confirmar essa representação "*Agora já não há nada disso, os putos agora não vão para a rua*". É de salientar que a descrição de uma "*infância feliz*" se expressa em momentos fora de casa "*andava sempre nos armazéns do meu tio (...) brincava muito, carrinhos de rolamentos e jogar à bola*", sem fazer referência a momentos afetivos e significativos com a mãe, o pai, ou o irmão embora refira "*quando eramos miúdos dávamo-nos*". Contudo, reduz as memórias de infância que enunciou a "*essas merdas todas*", um movimento depreciativo que retira a qualidade a essas experiências.

Na cadeia associativa que faz, retorna à temática do divórcio dos pais cujo tónus é colocado apenas sobre a figura materna, exclusivamente responsabilizada pela separação "*aquilo que aconteceu da minha mãe se ter separado (...) eu precisava era que a minha mãe não se tivesse separado*". Esta experiência foi vivida como uma rutura da sua relação com o objeto materno, que deseja punir "*durante 6 ou 7 anos não falei com a*

*minha mãe porque não aceitei ela ter-se separado do meu pai*”, por não se sentir suficientemente bom nem encantador para ser amado “[a mãe] *não estava feliz e foi à procura de melhor, aliás já tinha melhor. Então foi viver um bocado ao deslumbre*”. Na tentativa de aliviar a culpa que sente por dirigir os seus impulsos agressivos contra o objeto materno, justifica esses movimentos com a sensação de rejeição “*não aceitei isso nada bem, aliás aceitei tão mal que ela esteve a morrer, foi-lhe diagnosticado um aneurisma (...) esteve internada e eu nunca a fui ver, nunca, nunca, nunca*”. Apesar de referir que ficou vários anos sem se relacionar com a mãe, intervalo de tempo que não consegue precisar com certeza “*Esta cena com a minha mãe foi entre os 10 anos, mais ou menos, e os 17... não, não, era mais velho (...) 19 anos ou 18 foi quando voltei a falar com ela*”, não reconhece que esse período foi marcado por movimentos de aproximação, ainda que pautados por agressividade contra o objeto “*tirava o telemóvel de amigos meus e mandava-lhe mensagens a dizer morre puta, morre puta, ela tentava passar por mim na rua, tentava falar comigo e eu fugia e chamava-lhe nomes*”.

A separação dos pais foi uma experiência violenta e vivida na qualidade de abandono materno “*Abandonou-me, abandonou-me, abandonou-me, abandonou-me*”, uma temática intensamente presente ao longo da narrativa, através da qual expressa o sentimento de rejeição e solidão. Ao invocar esta temática em virtude da identificação com a figura paterna “*Abandonou-me a mim e ao meu pai*”, expressa a mutabilidade psíquica que vive com o objeto. Na tentativa de fugir ao sofrimento que o sentimento de abandono acarreta, recorre ao mecanismo de *identificação projetiva* e identifica o pai com a sua representação do objeto materno, mas que nega “*era a minha mãe porra, a mulher da vida dele*”. No seguimento, salienta a distorção que vive em relação a esta experiência, uma vez que não reconhece a agressividade do pai que utiliza os filhos de forma narcísica para agredir a mãe que perde todos os seus direitos “*A minha mãe nem lutou, o meu pai disse-lhe logo que ela escusava de tentar porque não ia ficar connosco, e não ficou*”. Perante a zanga e incapacidade para elaborar esta experiência e perdoar a mãe, projeta nela a culpa pela sensação de abandono e não reconhece que esse afastamento foi também fruto das suas escolhas “[o irmão] *ia para casa dela, mas eu nunca fui, nunca estive com ela durante anos e anos e anos*”. Além disso, desvaloriza a aproximação entre si e o objeto materno “*não me lembro como é que voltamos a falar, não me lembro quando, como, nem porquê. Aconteceu ali qualquer coisa*”.

Ao descrever o pai como “*uma pessoa mais fidedigna, mais fiel, mais fiável*”, revela que se sente traído pela mãe, à semelhança do que imagina que aconteceu com o pai, sendo que esta descrição remete apenas para atributos associados à experiência do divórcio, um pai que não trai e confere consistência ao lar. Devido à necessidade de proteger o objeto paterno e a proximidade da relação entre ambos, é difícil fantasiar a possibilidade de manter uma relação afetiva com a mãe “*não tenho com ela a relação que tenho com o meu pai, jamais (...) o amor que tenho pelo meu pai não é o mesmo que tenho pela minha mãe (...) amo mais o meu pai do que amo a minha mãe*”, “*se eu não faço isso com o meu pai que é a pessoa que eu mais amo neste mundo, não vou fazer isso à minha mãe*”. Além disto, o pai surge através de uma representação clivada entre contrastes “[pai] *a chorar a um canto (...) nunca vi o meu pai triste*”, e espelhamento “*eu era muito bom [a jogar à bola] (...) o meu pai jogou na 2ª divisão nacional*”, a partir da qual os seus atributos são extensões do pai, revelando a labilidade psíquica que vive com o objeto. Este conflito é reforçado pelo recurso contínuo dos mecanismos defensivos de *projeção e identificação projetiva* “[em relação ao pai] *em todos os defeitos que possamos ter, e falo por mim*”, “*somos muito parecidos*”, “*eu via que o meu pai andava triste (...) eu tinha as minhas dores e sabia que sim*”.

Em contrapartida, expressa a insegurança e desconfiança que sente na relação com o objeto materno “*nunca contei, aliás eu quando precisei da minha mãe ela nunca esteve lá, nunca*”, e não reconhece a importância de ter o amor da mãe ao longo da vida “*na altura em que tinha que ter uma mãe, não tinha*”. Apesar de apenas permitir a proximidade do objeto materno através da funcionalidade da experiência “*Está agora, mas está como? Dá-me boleia para o trabalho?*”, refletindo a dependência que vive nesta relação, apercebe-se da insuficiência afetiva desse tipo de envolvimento, à qual reage com raiva e desvalorização do movimento reparador “*Foda-se, isso não é estar lá, está agora porque preciso e porque lhe peço*”. Da mesma forma, expressa a necessidade de viver na sombra do objeto paterno, manifestada na dependência e impossibilidade de estar sozinho “*não passo 2 dias sem ver o meu pai. Primeiro ele vive por cima de mim*”. Apesar de descrever a relação com a mãe através de carência e privação, nega o afeto depressivo e a angústia “*tinha a minha família toda, os meus avós (...) a minha tia (...) nunca nos faltou nada, nunca, zero, bola (...) aliás tinha tudo, tinha mais mães (...) tinha tudo*”, um movimento defensivo que dá conta do sofrimento, da solidão e das dificuldades para pensar a experiência interna. No momento seguinte, tenta aproximar-se da angústia “*mas*

*é diferente (...) não tinha a minha mãe”, embora só consiga fazê-lo mantendo uma certa distância “quem diz que não sente falta é mentiroso, todos nós gostamos que os nossos pais nos liguem, que se interessem, que falem”.*

R. sente-se deficitário e responsabiliza a mãe pela angústia e possibilidades que não viveu *“Se teria sido uma pessoa melhor? Se calhar. Se teriam acontecido outras coisas? Sem dúvida”.* Apesar de sentir que não manteve uma relação com a mãe durante anos, a preponderância do objeto na sua vida psíquica é de tal forma significativa que todos os acontecimentos são, na sua perspetiva, fruto da sua ausência *“fiz faculdade (...) tenho pena de ter desistido (...) se a minha mãe lá andasse nessa altura as coisas teriam sido diferentes”*, reforçando o profundo desejo e a necessidade de estar próxima e ter a presença concreta do objeto externo para se sentir menos sozinho, devido à falta de um objeto interno seguro. Por um lado, sente que não teve quem olhasse por si e o protegesse das ameaças externas *“pegavam em mim e levavam-me a jogar em torneios, para aqui para ali (...) comecei a sair à noite muito cedo e a trabalhar à noite muito cedo”* e, por outro, que o seu valor não era reconhecido *“comecei a perder uma coisa em que eu era muito bom [jogar à bola]”*. Devido às dificuldades para reconhecer a falta de investimento e carência afetiva que vive na relação com o pai, a agressividade é apenas dirigida contra o objeto materno *“Precisava que a minha mãe não se tivesse separado, eu fazia aquilo para ele, o meu pai jogou na 2ª divisão nacional”*. Perante a possibilidade de entrar em contacto com a angústia em relação ao pai *“Se em casa, houvesse um pai e uma mãe”*, esta é de tal forma intolerável que recorre à *negação* na tentativa de se proteger *“não quer dizer que o meu pai não tivesse feito um excelente trabalho, porque fez”*. Assim, invoca o sentimento de não ser suficientemente bom para ser amado *“não sou orgulho nenhum, não sou o orgulho da família, mas também não sou nenhum pateta que anda aí aos caídos”*, convocando o desamparo e a dúvida sobre o lugar que ocupa dentro do objeto *“A minha tia hoje em dia têm netos (...) já não se vai preocupar comigo”*.

A inveja em relação ao irmão é expressa por sentir que este não viveu a morte afetiva do pai *“o meu irmão não percebia porque era pequenino”*, por ter mantido uma relação afetiva com a mãe *“estava sempre em casa do meu pai, ou da minha mãe (...) Ele tem um porto seguro que é a casa da mãe”*, por viver sem o seu senso de responsabilidade *“não posso compactuar (...) com as faltas de responsabilidade (...) o normal (...) é sermos pessoas responsáveis, cumprirmos horários... Ele acha que está uma semana bem, é responsável então pode fazer o que quer, epá não (...) tens que ter noção, seres*

*responsável*”, e por sentir que o irmão é acolhido pelo objeto materno sob todas as circunstâncias “*todas as coisas que ele faz, ela defende-o com unhas e dentes, protege-o (...) é o menino querido*”, enquanto R. se sente sozinho e deixado a si próprio “*Desde os 18 anos que fui viver sozinho e sempre paguei rendas, sempre tive responsabilidades e tive que me fazer à pista, tive que trabalhar*”. Expressa a angústia por não se sentir olhado nem protegido pela mãe perante o irmão “*a minha mãe toma muito as dores do meu irmão (...) há muitos anos que me custa mesmo muito (...) durante muito tempo ficava do lado dele. Quer dizer agora também o faz*”. Assim, sente-se desprezado e culpabilizado “*mesmo que ele faça merda, quem está mal sou eu, sempre... ela desculpa aquilo que ele faz com a minha forma de falar*”. Embora sofra com esta atitude da mãe, refere como o deserto relacional é mais angustiante e ameaçador “*ou simplesmente não faz nada e, para mim, o não fazer nada é muito pior*”.

A raiva contra os pais está associada à sensação de rejeição, em contraposição ao irmão, sentindo de volta a agressividade do objeto “*tu tens é ciúmes, tu tens é ciúmes*”, em relação à qual expressa a angústia assente nas relações interpessoais “*pois tenho vocês davam-lhe tudo e a mim não davam nada, aos 14 anos tinha que trabalhar para comprar qualquer coisa para mim, ele sempre teve tudo, ele pedia e davam-lhe, claro que tenho ciúmes como é obvio*”, “*eu pedia alguma coisa, mas o meu pai dizia-me que não podia ‘quando fizeres anos ganhas’*. Com ele não, era só pedir e davam-lhe tudo, como era o menino pequenino (...) tinha ciúmes, claro que tinha”. Em resposta ao estímulo “*naturalmente qualquer filho quer ser muito amado pelos pais*”, relata as insuficiências relacionais e afetos disfóricos em relação ao pai “*nunca fui muito apaparicado, o meu pai nunca me apaparicou, nunca, nunca foi um pai de beijos de ‘ah gosto muito de ti’, nunca foi e não é*”, e a ambivalência que vive, tanto na relação com o objeto paterno “*o meu pai nunca me bateu e ao meu irmão dava-lhe tareias de cinto*”, como com o objeto materno “*a minha mãe cascava-me bem (...) mas no João não, pelo menos nunca vi (...) não consigo perceber esse tipo de relação que ela criou com ele*”.

Perante a sensação de rejeição, R. reage através do afastamento do irmão “*afasto-me por causa disso (...) também tive montes de tempo em que não falava com o meu irmão, ele passava por mim na rua e fazíamos assim (levanta a mão)*”. No entanto, expressa o desejo de reparo desta relação “*eu arranjei-lhe trabalho (...) meti-o a trabalhar comigo*”, ainda que de forma abrupta “*hoje em dia estamos todos os dias, ou quase todos os dias juntos... eu não estava com ele*”, e através de uma dinâmica de

dependência “*como é que eu falo com ele para ir trabalhar? Preciso de contar com ele para fazer isto ou aquilo*”, em virtude da necessidade de controlo e sobrevalorização face ao irmão, tornando-se seu superior hierárquico. R. expressa novamente a labilidade das identificações, ao identificar-se com o pai na relação com o irmão “*arranja-me aí dinheiro (...) arranja aí não sei quê (...) não podes continuar a vida toda a pedir ao pai 5 euros para comprar tabaco, 10 euros para ir a uma festa, ou para beber copos*”.

De seguida, descreve uma “*cena hardcore*”, uma experiência traumática na qual relata um pai violento que não consegue elaborar a raiva e usa o corpo para expressar o carácter excessivo da experiência “[o pai] *ficava doente de bater no meu irmão (...) vomitava, ficava doente por ter batido no miúdo (...) dá-lhe umas cintadas (...) vomitava-se todo, ‘tu matas-me!’ (...) psicologicamente ficava de rastos (...) era tão duro para ele bater-lhe, mas era a raiva dele a desaparecer*”. É de notar a confusão de línguas vivida na relação com o objeto paterno, uma figura ameaçadora descrita como vítima da sua própria agressividade, na tentativa de negar a violência do mesmo. ”. Além disso, opera o mecanismo de *identificação projetiva* da agressividade no qual o pai é violento, mas o filho é que o mata. De igual forma, desloca no irmão a culpa para proteger a representação do pai “*o homem com razão dava-lhe umas cintadas. As dificuldades para elaborar esta experiência são reforçadas pela inquietação com que vive o encontro “passadas 2 horas estavam sentados no sofá, está tudo bem (...) como é que é possível ele acabar de lhe dar uma tarefa de cinto (...) e passado umas horas estavam os dois a ver televisão, e eu pensava que isso não era mesmo nada normal*”. Contratransferencialmente, ficou a sensação que R. ficava sozinho nesses momentos, angustiado e indefeso face áquilo que o pai era capaz, enquanto assiste ao momento violento e ao possível encontro. Ao longo da narrativa, R. expressa a incapacidade do objeto para tolerar e elaborar a raiva e experiências angustiantes sendo que, através de um movimento de identificação, sente não ter os recursos psíquicos para pensar e transformar a agressividade dos seus estados internos “*não quero ser como eles, mas não sei como, fico fora de mim*”, que expressa de forma desmedida e desproporcional “*ficava fodido e não falava (...) e depois (...) sai da pior maneira (...) coisas muito pequenas, mas que mexem comigo e sei que sou uma besta tantas vezes (...) porque me passo completamente (...) a forma como falo é hardcore (...) mas só sei ser uma besta*”, e através de pensamento ruminativo “*a moer, a moer, a moer*”.

Seguidamente, refere “*uma situação de andarem à procura do meu irmão, a minha mãe andava à procura dele, há 3 dias que ninguém sabia nada dele, e numa rua*

*qualquer há um cão que saltou e lhe mordeu a cara. Ela foi à porta de casa do meu pai dizer que (...) tinha sido mordida*". Perante isto, R. expressa a raiva associada ao desejo vingativo de destruição do objeto materno "*quando eu a vi disse-lhe é bem feita, é bem feita, devia era ter-te fodido mais a cara*", em relação ao qual o pai surge em defesa da mãe "*O meu pai aos gritos disse-me para não falar assim com a minha mãe*". Este movimento do pai é vivido como uma ameaça à fantasia de aliança entre os dois, reagindo com agressividade "*empurrei o meu pai, até fiquei... (sacode as mãos). Foi assim a única vez que me lembro de ter feito uma coisas dessas de me virar ao meu pai, e disse-lhe 'não falas assim comigo, não sou teu filho', estava tão... Grrr... nem sei explicar*". Os gestos e expressões sensoriais dão conta das dificuldades para elaborar a raiva e impulsos agressivos dirigidos contra o objeto paterno. À semelhança, descreve uma memória física e emocionalmente violenta na qual, face à agressividade da mãe, o pai não o protege "*quando a minha mãe (...) se separou e foi a casa do meu pai buscar umas merdas, ele disse-me para dar um beijinho à mãe e eu disse 'não dou beijinhos a putas' (ri), ela pegou numa colher de pau e só saiu quando partiu a colher nas minhas costas... eu estava na cozinha e nunca me virei para ela, pim pim pim*". O ruído reflete a incapacidade para elaborar a experiência traumática e a expressão "*puta*", para se referir à mãe, dá conta da raiva e da incapacidade para distinguir o papel de mãe e de mulher, refletindo as dificuldades para diferenciar a relação mãe-filho da relação do casal parental.

Na cadeia associativa que faz, refere a vergonha em relação ao irmão, emoção que não permite pensar a sua experiência interna "*vergonha disto tudo, era a vergonha dos meus tios (...) dos meus padrinhos que sempre nos ajudaram e ele fazia aquilo a esta gente*", fugindo devido à incapacidade para tolerar a angústia "*deixei de ir a casa dos meus tios e de falar com eles (...) por vergonha de coisas que ele tinha feito, e por certas coisas que eu também fiz e que não me orgulho, mas nada comparado com estas coisas de roubar (...) achava que a culpa também era minha, e fugia*". Este movimento reflete a fragilidade psíquica e as dificuldades para se conceber como um ser único e individualizado "*ele é meu irmão e se ele fez aquilo então levamos todos por tabela*", na qual a identificação com o pai não permite a elaboração da experiência psíquica, reagindo à semelhança do objeto "*O meu pai também é assim, o meu irmão fazia as coisas e o meu pai também ficava com vergonha disso, de toda a gente saber que ele fazia isto à família, fechava-se nele e prendia-se*". A labilidade psíquica e dificuldades de separação são reforçadas pelo vínculo fortíssimo, ainda que pela angústia "*As dores é que te juntam aos*

*teus, não tenho dúvidas nenhuma*”, uma contradição discursiva relativamente à necessidade de se afastar em momentos de conflito.

No final da narrativa, descreve a mãe como *“uma pessoa completamente super carente”*, e expressa a dificuldade para estar afetivamente próximo desta, devido à identificação e intrusão da fantasia de estar a trair o pai *“ela adora quando mando uma mensagem com um coração (...) derrete-se toda, mas se eu não faço isso com o meu pai que é a pessoa que eu mais amo neste mundo, não vou fazer isso à minha mãe só porque ela quer”*. E continua *“A relação com a minha mãe é quase mais de um amigo do que de uma mãe”*, embora não o consiga elaborar *“é muito mais isso, é muito mais... sei lá, tipo não há... sei lá, não”*, evidenciando as dificuldades para pensar esta relação. Ao tentar descrever a sua fantasia do que poderia ser uma relação materna *“saber mais o que é que se passa na cabeça dela”*, refere que não consegue ser íntimo e vulnerável *“não temos essa abertura, ela já percebeu que eu não me abro. Nem a ela, nem a quase ninguém”*. Neste sentido, questiona-se *“O que é que pode mudar? Acho que não vai mudar (...) mudar para onde? Mudar, ok, mas mudar para onde? Vou mudar o quê?”*, refletindo a resistência e impossibilidade de fantasiar uma dinâmica relacional afetiva com a mãe. É de salientar que, ao longo da narrativa, o modo como R. se expressa reflete que a sua experiência interna é vivida com demasiados pensamentos e experiências por elaborar.

## V (FEMININO, 46 ANOS)

Face ao estímulo inicial *“gostaria que falasse livremente sobre a sua infância”*, V. questiona *“Sobre a minha infância?”*, iniciando a narrativa com um movimento defensivo no qual recusa o solicitado. Começa por descrever a infância num tom inibido, mostrando alguma resistência *“tenho 46 anos, ou seja, nasci há 46 anos. Os meus pais sempre foram casados e ainda são”*. As *“memórias de infância”* que enuncia estão circunscritas a um espaço temporal e geográfico *“Até aos 11 anos tive uma infância espetacular porque vivíamos em Porto Salvo numa praceta”*. A representação de uma *“infância espetacular”* é expressa através de imagens dinâmicas inscritas num cenário idílico (i.e. cinematográfico) *“Guardo uma imagem de nós nessa altura (...) a correr até um moinho de vento, com muitas ervas verdes e umas azedas que nós chupávamos. É esta a imagem que guardo da minha infância (...) nós a correr de cabelos ao vento até ao moinho e ficar lá a chupar azedas até voltar para casa”*. Esta época surge associada a um sentimento de liberdade para viver sem constrangimentos *“tinha montes de amigos e*

*passava o dia a brincar (...) brinquei imenso, imenso, imenso (...) brincava muito livremente com amigos (...) muita liberdade (...) sou mesmo grata por esses tempos tão livres*". É importante salientar que estas memórias se expressam a partir de momentos fora do ambiente familiar "*Passava a vida na rua (...) voltava a casa só para comer e voltava a descer para ir brincar*", sem fazer referência a momentos significativos com os pais ou o irmão. No seguimento, questiona-se "*como é que os meus pais não se preocupavam?*", ficando a sensação de ausência de um objeto que, na sua fantasia, desempenhe a função protetora. No entanto, face à questão que coloca, é difícil conceber um objeto inseguro "*de certeza que se preocupavam*", identificando-se com o papel de cuidador para referir ser inconcebível ter a mesma atitude com os seus filhos uma vez que, na sua fantasia, a experiência de liberdade pode trazer ameaças "*para mim que tenho 3 filhos é impensável imaginá-los a correr livremente pelos campos fora sem eu saber se chegaram, se vão voltar*".

No seguimento, recua no tempo para introduzir o irmão na narrativa "*tive um irmão com 3 anos*" referindo a angústia "*tive bastantes ciúmes, a minha mãe diz-me que eu tive muitos ciúmes e algumas reações assim... normais, nada de muito exagerado*". A sequência associativa enunciada a partir da experiência do nascimento do irmão, diz respeito a um ciclo de mudanças "*aos 11 anos mudámos de casa (...) fomos para o centro de Lisboa*", sentidas com sofrimento "*nesta altura foi muito difícil mesmo, para mim foi muito difícil mudar, sair dali e viver no meio dos prédios*", limitação "*já não tinha aquela liberdade*", e ambivalência que se expressa a partir de enunciações contraditórias "*mas também foi bom, não houve assim nada que me tivesse traumatizado, mas tinha mais medos... medos que antes disso não tinha*". De seguida, passa dos 11 para os anos de faculdade "*Depois quando cheguei à faculdade tive assim um reencontro bom comigo, eu acho (ri), fiz bastantes amigos e tive uns anos divertidos outra vez*". À primeira vista, durante a análise da narrativa, parecia que V. se expressava com uma certa desordem temporal. No entanto, as mudanças discursivas entre espaços temporais e geográficos sugerem que essas memórias estão associadas a afetos ambivalentes "*pensando nessa altura não me lembro de mim tão feliz como quando vivíamos em Porto Salvo*". Por um lado, as memórias em Porto Salvo até aos 11 anos representam uma "*infância espetacular*" vivida entre "*montes de amigos (...) com liberdade*", assim como os anos de faculdade que recorda como "*um reencontro bom comigo (...) fiz bastantes amigos e tive uns anos divertidos outra vez*". Em contrapartida, faz uma associação inconsciente

entre os 3 e os 11 anos, ao enunciar dois acontecimentos significativos, o nascimento do irmão e a mudança de casa, que podem representar a repetição de uma experiência que evoca os mesmos afetos e fantasmas, isto é, a angústia associada à perda de liberdade “*foi muito difícil mesmo, para mim foi muito difícil mudar (...) já não tinha aquela liberdade*”. Neste sentido, omite da narrativa o fragmento da sua vida “*entre os 11 e os 17*”, expressando as dificuldades para entrar em contacto com o vivido durante esse período “*foi um bocadinho difícil*”, cujo sofrimento é reforçado pela fuga ao afeto depressivo “*sem nada de depressões*”, e pelas dificuldades para desenvolver relações íntimas e significativas, ao contrário do que viveu em Porto Salvo “*eu que não me lembro de nada (...) lembro-me, dos nomes dos miúdos todos que viviam naquela praceta, das pessoas do prédio. Nos prédios onde vivi em Lisboa não conhecia nem sabia o nome de ninguém*”.

Retoma a temática dos ciúmes em relação ao irmão, a partir de um movimento de identificação com os filhos “*vendo os meus filhos já me fazem sentido e consigo, se calhar, elaborar um bocado mais as memórias*”. Através deles é possível entrar em contacto e pensar a sua realidade interna, nomeadamente, a angústia vivida na relação com o objeto materno, associada ao desejo de atenção da mãe face ao irmão “*Quando a minha mãe diz que estava a dar de mamar e eu estava aos saltos na cama, aos gritos a tentar distraí-la daquele momento, eu percebo isso perfeitamente porque também já vivi isso com os meus filhos*”. No entanto, culpabiliza-se na tentativa de diminuir a sensação de indisponibilidade afetiva vivida nessa relação “*devia ser duro eu estar ali aos saltos sem parar*”. Ao descrever esta experiência inicia uma cadeia associativa na qual relata duas experiências difíceis de pensar e integrar.

Começa por referir “*levei o meu irmão para o quarto dos meus pais com uma faquinha e comecei a brincar que ia fazer uma operação (...) o meu irmão esteve internado várias semanas quando nasceu por causa de uma hérnia que se complicou muito e foi muito assustador para os meus pais, acho eu, não me lembro. Só me lembro do meu irmão estar hospitalizado e depois quando saiu eu quis brincar aos médicos*”. Ao descrever esta experiência a partir do sofrimento que imagina dos pais, fica a sensação que estes ficaram menos disponíveis para si, sendo que o brincar aos médicos pode refletir um deslocamento da agressividade, refletindo a onipotência infantil a partir da qual acredita que pode salvar o irmão ou aniquilá-lo, um duplo movimento de atitudes ambivalentes que podem ter a mesma consequência, redirecionar para si a atenção e disponibilidade dos pais. No entanto, V. tenta negar os impulsos agressivos dirigidos

contra o irmão e aliviar a angústia “*acho que não eram ciúmes, queria mesmo brincar aos médicos com uma faca, aquela coisa dele ter sido operado (ri)*”. É neste momento que surge a figura paterna na narrativa “*que estava na sala e ouviu ‘agora vou fazer-te uma operação’, estava eu a despir o meu irmão com uma faquinha na barriga, mas pronto não se passou nada*”, cuja intervenção surge como proteção do movimento agressivo e interdição ao pensamento onnipotente, não sendo possível perceber o que teria acontecido se esta figura não tivesse aparecido.

Seguidamente, introduz a segunda experiência angustiante, a partir de uma sequência de enunciações contraditórias “*Depois acho que houve um episódio assim um bocado, talvez... que me deve ter traumatizado bastante apesar de... não sei bem explicar, se traumatizou ou não, mas foi uma coisa em que eu penso (...) nunca tinha pensado muito nisso até às sessões de psicoterapia*”. Nesta que é das suas “*primeiras memórias*”, refere que é enviada para longe de casa e da família pouco tempo depois do nascimento do irmão “*o meu irmão nasceu em outubro e no verão seguinte (...) os meus pais enviaram-me 3 semanas, eu tinha 3 anos (...) para uma colónia de férias no Porto sozinho*”, revelando a angústia “*foram os piores dias da minha vida (...) tenho várias memórias horríveis dessas 3 semanas*”, e as dificuldades para se apropriar psicologicamente dessa experiência “*não percebi porque é que estava lá*”. V. descreve o carácter traumático dessa experiência através de “*uma memória muito forte que eu tenho, desde sempre*”, que representa a violência associada ao fantasma do abandono, de não ser importante nem boa o suficiente para ser amada e ficar perto dos pais “*as monitoras (...) estavam a dar uma bolacha maria a cada criança e, de repente, a menina que foi à frente (...) tinha a minha roupa vestida e, ainda hoje, me lembro qual era a roupa, tinha uns calções e uma t-shirt que a minha avó me tinha feito e eu lembro-me daquilo me ter dado um pânico terrível (...) o sentimento foi ‘já nada me pertence, nem a roupa’, não tenho ninguém, não tenho os meus pais, não tenho o meu irmão, tou aqui no meio desta gente que eu não conheço, nem a roupa é minha*”. A roupa que a avó fez para si simboliza o amor que a faz sentir-se especial, pelo que ver outra criança apropriar-se do que é seu pode carregar a perda do sentido de pertença e do amor, sentindo-se sozinho e invisível aos olhos do objeto. Assim, refere que se sente pesada para os pais “*os meus pais deviam estar super cansados*”, justificando-os na tentativa de não dirigir a agressividade contra o objeto “*eles não tinham apoio nenhum, a minha mãe é do Norte e o meu pai do Sul então não tinham apoio, deviam estar imensamente cansados, deviam ter poucas férias*”, nem se confrontar

com o mau objeto “*devem ter pensado ela até se vai divertir, vai brincar com outras crianças durante 3 semanas e nós assim temos mais tempo*”. Ainda relativamente a esta experiência, refere “*lembro-me que uma amiga da minha mãe do Porto foi visitar-me e levou-me a passear (...) e depois voltou a deixar-me na colónia de férias e foi-se embora*”, refletindo as dificuldades para elaborar a sensação de abandono do objeto que não foi ao seu encontro para a acolher nesse momento angustiante, embora soubessem pela amiga “*que tinha sido horrível e que eu tinha detestado e chorado imenso, contaram que essa amiga (...) lhes ligou a dizer ‘vocês não vão lá (...) vão ter que a trazer porque ela não parou de chorar o tempo todo’ e eles não foram!*”.

Apesar de começar por referir “*Não consigo fazer associações tipo em quê que isto moldou a minha personalidade ou em que é que isto se reflete na relação com o meu irmão*”, através do mecanismo de *projeção* nos filhos, é possível expressar o conflito interno “*vendo pelos meus filhos (...) iria acentuar bem os ciúmes, os medos de não ser amada verdadeiramente pelos pais, do irmão ser preferido*”. Neste sentido, associa o nascimento do irmão, ao abandono, sensação de não ser verdadeiramente amada e do irmão ser o preferido sendo que, mais tarde na narrativa, reconhece o impacto traumático desta experiência “*um acontecimento (...) bastante marcante (...) pode explicar alguns sentimentos que me acompanharam durante a vida*”, associando-a a “*muitas inseguranças*”, *competitividade com o irmão*”, e a “*um sentimento (...) muito fundo no meu coração de desproteção*”, refletindo as dificuldades para introjetar um objeto securizante, sentindo-se sozinha e sob constante ameaça. No final da narrativa, expressa-se em contradição num esforço para negar a angústia “*os meus pais sempre se esforçaram em fazer-nos sentir (...) que não haviam filhos preferidos (...) vejo que houve um esforço grande (...) e é verdade que eu não sinto que haja. Sinto que o meu irmão é privilegiado numas coisas, mas que eu sou noutras (...) não sinto que os meus pais nos tenham feito sentir que gostavam mais de um ou do outro*”. Neste movimento defensivo, evidencia que o sentimento de não ser suficientemente amada está sobretudo associado à angústia que vive na relação com o objeto materno “*esta coisa de não preferir os filhos, vinha claramente do meu pai*”, “[a mãe] *poderia ter dado mais confiança (...) assegurado que nos sentíamos amados*”. É de salientar que a sua perceção de não haver preferidos se manifesta em aspetos funcionais “*o que dou a um dou ao outro (...) se dá 5 euros a um para desenrascar gasolina vai dar 5 euros ao outro*”.

A falta de um objeto interno estável e seguro refletiu-se através de ansiedades primitivas e fantasias persecutórias “*tenho medos, muitos medos (...) de andar sozinha na rua (...) uma sensação que algo horrível possa acontecer a qualquer momento (...) que podia aparecer alguém e violar-me*”, “*A minha cabeça viaja para possibilidades mirabolantes (...) imagino logo um terramoto e morremos todos*”, da necessidade de se proteger e estar alerta “*tento proteger-me por causa desse sentimento de não ser protegida pelos outros*”, “*sempre detestei pijamas porque gosto de dormir com uma roupa que se acontecer alguma coisa que eu tenha que fugir estar pronta*”, e nas dificuldades para tolerar a separação dos filhos “*só não durmo com eles todos os dias porque não me deixam (...) tenho essa sensação que qualquer coisa horrível pode acontecer e eu tenho que (...) os proteger*”, “*sei abraçar os meus filhos, mas também não sei se não é demais... quase um ter que estar sempre colada a eles para me sentir ligada, para que eles saibam que eu os amo*”. Contudo, refere “*fui desafiando esses medos, fiz muita coisa cheia de medo*”, a solução que encontra para fazer frente ao terror de depender de um objeto ameaçador “*começou em casa porque é uma sensação que me acompanha desde muito pequena, e que me faz querer ser amada e protegida pelos meus pais em relação ao meu irmão*”.

V. associa o sentimento de insegurança vivida na relação com os pais à rivalidade com o irmão, começando por expressar a angústia através da *projeção* nos filhos “*eu vejo que o mais velho tem muitos ciúmes do irmão (...) o meu filho mais novo já sofreu muito, já foi muito mal tratado pelo irmão (...) o mais velho já tem 11 e continua ali uma dor imensa*”, embora consiga apropriar-se dela “*Também é verdade que eu passei a vida inteira a tentar pôr o meu irmão para baixo*”, “*sempre houve uma grande competição, motivada por mim, eu assumo*”. Na sua cadeia associativa, a rivalidade surge associada à inveja decorrente do profundo desejo de ser amada “*lembro-me do meu irmão ser um miúdo muito doce e de eu o achar lindo (...) tinha ciúmes dele ser tão lindo, tanto que me lembro de ser mais velha e ter uma fotografia dele (...) que eu mostrava às pessoas e dizia que era eu (...) achava-o mais bonito*”, sendo que a necessidade de se identificar com o irmão é uma tentativa de se sentir mais bonita aos olhos do objeto. Descreve a rivalidade em relação ao irmão como “*inconsciente e incontrolável*”, uma vez que “*racionalmente (...) não faz sentido continuar a agir de forma competitiva com o meu irmão*”, e enuncia algumas memórias que refletem esses movimentos “*Fazê-lo sentir que era menos do que eu (...) lembro-me de estarmos a comer um gelado e eu dizia-lhe*

*'bora fazer uma corrida e ver quem é que acaba o gelado mais depressa', (...) e quando ele acabava eu dizia 'ah agora eu tenho gelado e tu não' (...) 'nem saboreaste e agora ficaste sem gelado' (...) Mais para a frente começou a ser com as notas 'eu sou mais inteligente que tu, tenho mais amigos que tu', coisas assim horríveis". A agressividade dirigida contra o irmão, manifesta-se também em violência física "andávamos imenso à pancada, batíamos um no outro", que resulta num intenso sentimento de culpa por atacar o objeto "sinto-me má, horrível (...) era mazinha para ele", responsabilizando-se pelo sofrimento do irmão "influenciado por mim, começou a fumar charros (...) isolou-se imenso (...) espero que essa fase mais negra da vida dele não tenha sido culpa minha". O compromisso para contornar o sentimento de não ser boa o suficiente manifesta-se na necessidade de se sobrevalorizar face ao irmão, através de uma atitude onipotente de infantilização do irmão "olho para o meu irmão como uma pessoa muito mais pequena (...) olho sempre para ele como o puto (...) que não sabe bem fazer as coisas, eu tenho que lhe mostrar (...) como é que as coisas se fazem bem". Perante o conflito e rivalidade que experimenta, descreve as "estratégias" que encontra para "controlar as (...) discussões", nomeadamente, o apoio do objeto "o facto de termos crianças (...) de ter o meu companheiro que é uma pessoa muito calma (...) ajuda a manter a compostura entre nós", e a "preocupação pela autossuficiência", isto é, estabelecer limites "para não estarmos dependentes uns dos outros (...) essa dependência (...) gera muito mais dificuldades". Além disto, refere os obstáculos para se aproximar afetivamente do irmão "a nossa relação parece um elástico, aproximamo-nos e distanciamo-nos (...) não sabemos lidar com a proximidade muito tempo (...) Facilmente entramos em conflito", "prefiro sempre a distância à proximidade e à intimidade com ele", embora mostre o desejo de estar profundamente ligada ao objeto "foi-se tornando cada vez mais difícil estar com ele mais profundamente".*

As dificuldades para entrar em contacto e elaborar os estados internos e impulsos agressivos é uma temática presente, ao longo da narrativa, "é a minha luta. Tentar dizer as coisas num tom que não seja bruto ou enraivecido", através da qual expressa o carácter intenso, invasivo e desorganizador do que sente "conseguir dizer as coisas sem que a raiva tome conta da frase", "facilmente entro naquele estado enraivecido que não gosto de ver (...) não quero ser assim", "não gosto nada de sentir raiva, de reconhecer isso em mim". A agressividade é de tal forma assustadora que constitui uma ameaça à qual deseja fugir "Só queria tirar esses momentos da minha vida (...) não sei lidar com a raiva então

*prefiro apenas não sentir e tentar que ela não apareça*”, sendo insuportável expressá-la devido ao perigo que representa nas relações *“é muito difícil parece que tudo fica mal”*. V. associa as dificuldades para elaborar as suas experiências internas à relação *“com os meus pais que têm muitas dificuldades de comunicação connosco de uma forma normal”*, evidenciando a rigidez e indisponibilidade emocional *“nunca aprendemos a conversar (...) os meus pais nunca conversaram verdadeiramente connosco (...) num tom normal com algum ensinamento, alguma explicação, sempre foi isto é para fazer assim e não perguntas!”*, *“não sabiam lidar (...) não sabiam gerir, gritavam”*. No entanto, nota-se a necessidade de aproximação do objeto através do desejo na ordem da reparação da relação *“um dia estava em casa dos meus pais e disse ‘já podíamos pensar em remodelar estes armários’*”, embora o objeto não o reconheça e reaja através do ataque e da falta de tolerância *“o meu pai responde logo mal assim tipo ‘remodelar estes armários?! Ainda no outro dia os comprei’ (...) responde assim com um ar zangado”*. Em virtude de um padrão de comunicação agressivo, sente a necessidade de se defender, ainda que através dos impulsos destrutivos *“entre nós os quatro, reagimos como se estivéssemos a ser atacados, como se fosse uma crítica (...) tudo o que toca assim em coisas pessoais todos nós na família levamos aquilo como uma crítica e reagimos mal”*, cuja reação unanime e partilhada entre todos os membros da família, evidencia as dificuldades de diferenciação que experimentam.

A representação dos pais surge na narrativa de forma pouco diferenciada e a partir dos atributos funcionais *“sempre estudámos, tivemos todas as oportunidades”*, *“providenciamos que tudo esteja bem do ponto de vista das necessidades”*, evidenciando a instabilidade vivida na relação com o objeto *“lembro-me da minha mãe sempre cansada e irritada, pouco paciente, mas o meu pai também”*. Ao descrever a adolescência do irmão como *“uma fase muito má”*, uma vez que *“ele se meteu muito nos charros (...) nunca mais conseguiu ter notas como deve de ser (...) foi expulso da escola”*, evidencia os pais sem capacidade para acolher, investir nem ajudar o filho a pensar nas suas angústias *“os meus pais ficaram muito chateados (...) não sabiam gerir, gritavam, não sabiam falar com ele sobre isso (...) o meu pai (...) dizia mesmo ‘neste externato passa tudo, basta pagar, não é preciso ser esperto’*”. Embora refira a insegurança e agressividade vividas na relação com o objeto paterno *“ter medo do meu pai, daquela reação dele imprevisível e bruta”*, não tendo experienciado a proteção, o amor e o cuidado que precisa e desejaria, sobrevaloriza os aspetos funcionais *“fiz todas as maluquices (...) de interrails com*

*bilhetes falsificados (...) porque (...) se ligasse ao meu pai do outro lado do mundo a dizer 'pai, preciso de ajuda' que ele iria*". Da mesma forma, existe a necessidade de manter a fantasia de que foi nutrida de amor e afeto na relação com o objeto materno, através da sua materialização em fotografias, na tentativa de fugir à angústia *"vejo pelas fotos quando era muito pequena que estávamos abraçadinhos, parecia haver muito carinho com a minha mãe (...) mas eu não me lembro dela ser assim, só se foi (...) perdendo a capacidade de nos abraçar e dar beijinhos, foi-se distanciando dessa parte mais de toque"*. A representação do objeto surge também a partir da ambivalência e dificuldades para elaborar e integrar as diferentes polaridades psíquicas vividas *"os meus pais têm muita falta de paciência, também me lembro na infância de (...) termos (...) que falar baixinho e fazer pouco barulho (...) imagino a minha mãe com pouca tolerância com o ser criança. Mas (...) tínhamos outro lado dos meus pais que (...) iam para a costa vicentina fazer nudismo, eram também uns grandes hippies ao mesmo tempo, andavam todos nus pela praia e nós também. Havia assim muita contenção por um lado, muitas regras, mas este lado de acampar muito livremente"*, *"Por um lado, há proteção (...) o assegurar de algo que nos ajuda, mas por outro lado falta outra coisa que dá desproteção, não sei bem explicar"*.

À semelhança da representação do objeto, V. descreve-se a partir de uma representação clivada *"sou uma pessoa com uma dualidade enorme (...) por um lado sou muito otimista, mas por outro vou para o pior cenário possível"*, evidenciando a labilidade e inconstância das identificações, ao identificar-se de forma confusa com os pais e o irmão *"Há sempre esta dualidade que eu acho que se reflete na minha própria dualidade e na dualidade que eu vejo no meu irmão"*. Desta forma, através do mecanismo de *identificação projetiva*, identifica o irmão com a sua agressividade *"um miúdo muito agressivo e facilmente irritável"*, ambivalência *"tanto ele como eu somos miúdos bastante nervosos de uma certa forma, bastante estranhos... calmos e nervosos ao mesmo tempo"*, e dificuldades para conter e transformar os impulsos agressivos *"aparentamos assim uma pacificidade, mas há coisas que nos tocam e aquilo passa muito rapidamente desse ar pacífico para a raiva (...) eu e o meu irmão temos os dois isso, muita dificuldade para controlar um lado raivoso nosso, para reagir em relação à diversidade e à contrariedade (...) é um sentimento muito intenso"*.

No final da narrativa, retoma a representação do objeto materno e refere as dificuldades para elaborar essa relação *"tenho pena de não conseguir dizer muita coisa"*

sobre a minha mãe”, evidenciando a angústia por sentir-se distante e pouco íntima do objeto “*dói pensar que nunca tive momentos de carinho e de toque com a minha mãe (...) que nunca consegui falar com a minha mãe sobre as minhas coisas, coisas fortes da adolescência*”. O objeto materno surge representado num “*papel secundário*”, cuja “*presença (...) é esbatida nas minhas memórias, ela está lá sim, mas sem grande poder ou personalidade*”, uma vez que esta surge na sua fantasia enquanto figura “*submissa ao (...) pai que tem aquele lado dominador*”, uma mãe esmorecida “*foi-se deixando subjugar muito às decisões do meu pai*”. Em contrapartida, evidência a predominância do objeto materno agressivo “*ficava tão enraivecida, tão impaciente e maldisposta*”, funcional “*papel de provider, de asseguradora das refeições e da nossa sobrevivência (...) ficava a lavar a loiça, a arrumar a cozinha, a lavar a roupa*”, e pouco investido afetivamente “*a minha mãe é mais desprendida, mais desligada*”. Assim, vive um desencontro com a mãe, que negligencia a relação e o envolvimento afetivo “*quem contava a história à noite era sempre o meu pai (...) essas coisas de mãe, mais vinculativas do amor vinham mais do meu pai*”, que se manifesta na dificuldade para sentir o toque da mãe “*a minha mãe não me soube abraçar (...) é uma sensação estranha quando tenho que lhe dar mimos, apesar de eu adorar mimos*”. V. associa a relação com o objeto materno ao conflito interno, angústia, inseguranças e dificuldades que experimenta “[a mãe] *poderia ter ajudado a estes sentimentos todos em relação ao meu irmão e dentro de mim, coisas que eu fico muito zangada comigo mesmo e que não sei lidar (...) que nos tivesse ensinado a falar sobre os nossos sentimentos*”. A introdução de terceiros personagens na narrativa (e.g. os filhos, o pai, a psicoterapeuta), é um movimento que reflete a necessidade de ter a intervenção de um terceiro para pensar e dar um sentido e significado à sua experiência interna, como se essa apropriação só fosse possível através de um outro que a apoia.

Durante a análise da narrativa, fica a sensação de que V. se expressa em círculos, isto é, que as suas cadeias associativas estão centradas na angústia e no conflito interno assente nas relações com o objeto, com especial foco na relação com a mãe, que responsabiliza pela carência afetiva, pelas insuficiências do aparelho psíquico e pela angústia em relação ao irmão. No entanto, esforça-se para negar o sofrimento através de uma fantasia de ligação ao objeto que é proporcional à distância que sente “*não temos tudo, não temos aquela coisa da relação completa, mas eu acho que ter isto é algo feliz, acho que tenho uma relação feliz com a minha família, e não uma relação em que só se pensa na mágoa ou uma relação mais negativa*”.

## ANÁLISE DOS GRANDES TEMAS

### I (FEMININO, 26 ANOS)

#### Relação com o Objeto Materno

A previsibilidade das experiências relacionais é um dos alicerces para criar constância objetal (Greenberg & Mitchell, 2003). Por vezes, é possível estar em relação com a mãe e, de forma abrupta, surge a intolerância e rigidez por parte do objeto que a confundem e desorganizam “*do nada, não sabemos o que esperar (...) ela vira para um lado ou para o outro (...) é super imprevisível*”. A insegurança e instabilidade sentidas na relação com a mãe estão associadas à inconstância do objeto interno, que não pode ser integrado na sua totalidade, dadas as emoções e atitudes ambivalentes sentidas do e para com o objeto (Balint, 1952).

A fragilidade vivida na relação com o objeto materno, levam à rejeição e desvalorização do objeto potencialmente perigoso “*casa (...) é o último sítio onde me sinto acolhida (...) era a última pessoa com quem me apetecia falar (...) não era a minha pessoa de conforto (...) Nunca foi*”, na tentativa de se proteger dos perigos que imaginou (Balint, 1952). A introjeção dos aspetos rejeitantes do objeto materno não permite pensar na possibilidade de uma relação securizante, na qual opere um contacto afetivo satisfatório com o objeto externo e interno “*se me tentasse abraçar, seria estranho, não seria reconfortante. Nunca dei um abraço à minha mãe, não tive nunca o hábito de lhe dar beijinhos (...) carinho físico não iria resultar (...) quase me deu repulsa (...) não temos conversas profundas (...) não consigo imaginar isso sequer*”. As descrições sensoriais surgem associadas ao desencontro afetivo vivido na relação com a mãe, das quais a repulsa decorrente do contacto pele com pele representa uma reação que remonta à primeira infância, refletida na incapacidade para suportar manifestações físicas de afeto (Greenberg & Mitchell, 2003).

As dificuldades para integrar sentimentos opostos face ao objeto, promovem uma relação pautada por ambivalência, dificultando a elaboração da relação materna. Desta forma, o objeto materno é vivido sob a forma de representações clivadas, isto é, abstrações contraditórias e difíceis de integrar num objeto único e total “*a minha mãe (...) tem 2 partes, teve uma educação militar, mas andou nas belas-artes, é super estranho, tanto é muito de regras, horários e conservadora (...) como é artista (...) tem esses 2 lados (...) acaba por torná-la bipolar*”. Em virtude da indisponibilidade emocional vivida

na relação com a mãe, a sua representação surge ainda sob a forma de abandono afetivo “*sinto que ele acha que foi ficando para trás e ficou todo lixado, emocionalmente falando*”. Assim, as descrições da mãe refletem a predominância do mau objeto interno, com o qual se identifica de forma adesiva (Meltzer, 1975) “*somos as duas super impulsivas e explosivas*”, “*nós as duas temos feitiços terríveis*”, “*sempre me viu de forma infantil (...) mas ela também é infantil*”. O recurso continuado dos mecanismos de projeção e identificação projetiva tornou difícil, no processo de análise, perceber quando I. falava de si ou do outro, evidenciando a profunda identificação, permeabilidade e dificuldades de diferenciação psíquica que vive na relação com o objeto materno.

Segundo Winnicott (1964), as crianças assustam-se com os seus impulsos se forem deixadas inteiramente a si mesmas. Devido às dificuldades para conter a agressividade dos seus estados internos e elaborar as angústias, recorre à evacuação dos conteúdos não elaborados para tentar dar sentido ao que a invade de forma intensa e desorganizadora “*disse tudo aquilo que queria nesta vida, mas não da melhor forma. Dizia como sentia, como ataque, não eram conversas ponderadas*”. Se por um lado, o movimento de evacuação permite manter uma certa distância do objeto (Greenberg & Mitchell, 2003), por outro, gera um sentimento de culpa por atacar o objeto materno, uma vez que esse ataque ameaça a integridade do objeto e, por consequência, a sua própria integridade devido à labilidade psíquica vivida (Bergeret, 1998). Assim, a culpa é dirigida para a própria, na tentativa de proteger a relação com o objeto da sua raiva, desculpando-o pelas falhas relacionais sentidas (Matos, 2002) “*sempre culpei muito a minha mãe, ela é que era terrível (...) tem um feitiço horrível (...) mas tenho que reconhecer que não fui fácil (...) eu também era mal-educada (...) era difícil é um facto (...) fui complicada*”. Se os impulsos agressivos não elaborados e dirigidos contra o objeto materno são intensos, podem resultar em angústia de separação do objeto (Greenberg & Mitchell, 2003).

De acordo com Winnicott (1964), é necessária uma dependência suficiente do objeto interno para o saudável processo de diferenciação psíquica. Assim, a exibição de independência pode refletir uma disfarçada necessidade de objetos seguros (Fairbairn, 1954), ou seja, ser uma reação à experiência de objetos ameaçadores (Balint, 1952), na tentativa de aliviar o sofrimento que a dependência desses objetos acarreta “*Sou independente (...) Fui trabalhar, já fui viver com amigas (...) houve uma vez em que me chateei com a minha mãe mesmo a sério e fiquei dois meses a viver em casa de uma amiga*”. Neste sentido, embora deseje a individuação, a profunda necessidade de afeto,

amor e segurança, decorrente das dificuldades afetivas vividas na relação materna, manifesta-se numa dependência excessiva, apesar da proximidade ser temida e sentida como penetrações persecutórias e invasivas (Matos, 2002) “*sempre tentei dizer-lhe que quanto mais controlasse pior era (...) ela ligava-me non-stop (...) agora não me pode controlar, saber onde estou, com quem, ver as minhas coisas, arranja outras formas de estar conectada (...) é uma forma de te prender (...) de te portares como ela quer*”. Assim, a dependência é vivida como uma ameaça, na qual a proximidade suscita fantasmas de fusão (Fairbairn, 2000), e a separação um medo intenso de não sobreviver sozinha (Matos, 2002) “*Agora que eu tou longe, longe entre aspas, já não estamos na mesma casa, mas vivemos super perto*”. Por outro lado, a dependência excessiva pode representar o ódio pelo objeto do qual depende, projetando nele o desprezo que sente em relação às suas próprias falhas (Balint, 1952) “*tudo isto tem muito a ver com a relação com a minha mãe (...) associo muito isto à minha mãe, por causa da relação horrível que temos*”.

Em virtude das dificuldades que experimenta na introjeção de um objeto interno bom e total, a predominância do mau objeto interno, a identificação excessiva e labilidade psíquica vividas com o objeto materno, a dependência afetiva, as dificuldades para estabelecer limites, e a angústia de separação do objeto, isto é, a frustração entre o desejo de separação e a angústia de não sobreviver sozinha, dão conta de uma relação com o objeto materno de natureza anaclítica (Bergeret, 1998).

### Relação e Rivalidade com os Irmãos

Dada a natureza da relação com o objeto materno supramencionada, o *ego* não está emocional nem estruturalmente preparado para a situação triangular que evoca uma intensa frustração associada ao risco de perda do objeto materno (Bergeret, 1996). Assim, a fragilidade e insegurança vividas na relação com o objeto, tornam insuportável conceber um terceiro na dinâmica relacional com a mãe.

Uma vez que na sua perspectiva “*eu e os meus irmãos mais velhos (...) temos todos uma relação um bocado complicada com a minha mãe*”, estes não representam uma aparente ameaça na sua relação com o objeto materno. Ainda assim, exclui-os da experiência afetiva, referindo-se a eles como ausentes e distantes “*o meu irmão não saía do quarto (...) não tínhamos relação (...) ele nunca estava em casa e quando estava não saía do quarto, até nas férias (...) não tenho ideia de vivermos na mesma casa*”, “*Com a*

*minha irmã nunca me dei bem, nem muito nem bem (...) não temos uma relação de intimidade (...) cada uma no seu quarto (...) não nos dávamos mesmo, não falávamos, se nos víssemos na rua fingíamos que não nos conhecíamos*". Devido à precariedade afetiva vivida na relação com a mãe, retirar os irmãos da experiência interna dá conta de uma atitude onipotente que surge como solução para a rivalidade uma vez que, se os irmãos não existirem psicologicamente, não representam uma ameaça para si nem na sua relação com a mãe. Por um lado, existe a inveja relativamente ao irmão mais velho não depender excessivamente do objeto materno, que se manifesta na estranheza com que vive a recusa do irmão em relação à mãe *"o meu irmão descarta isso tudo. Ele mudou de casa e a mãe também lhe queria fazer uns projetos, mas ele diz que não precisa disso para nada"*. Por outro, a inquietação que sente em relação ao irmão *"nunca sair do quarto"*, reflete tanto a sua incapacidade para estar só como para compreender como é que o outro tolera algo que I. não experimenta, devido à predominância do pensamento autocentrado.

Uma vez que, na sua perspectiva, o irmão mais novo é quem está mais próximo da mãe, revela um duplo movimento que representa a solução para não comprometer a relação e manter a ilusão de proximidade do objeto materno. Por um lado, existe a necessidade de se identificar com ele *"O meu irmão mais novo é bue cool, dou-me bue bem com ele (...) temos os mesmos gostos, frequentamos os mesmos bares (...) pensamos da mesma forma"*, um movimento que permite reconhecer partes boas no irmão e, por consequência, em si própria. Em contrapartida, sente a necessidade de reduzir o irmão à posição de *"neto"*, um compromisso cuja desvalorização tenta negar a violência e ameaça que este representa na sua relação com o objeto.

Por fim, o movimento psíquico de rivalizar com os irmãos implica reconhecer a intrusão de um terceiro na relação com a mãe, tomando consciência da dor e angústias que vive e, por consequência, rivalizar com a mãe. Uma vez que a capacidade de rivalizar com o objeto materno está relacionada com o complexo de Édipo e é o primeiro passo para a diferenciação psíquica (Quinodoz, 2005), dada a natureza da relação com o objeto e as dificuldades que experimenta para conceber a relação triangular, rivalizar com a mãe ameaça uma rutura na relação entre ambas, correndo o risco de destruir e perder o objeto, convocando fantasmas de morte.

## R (MASCULINO, 35 ANOS)

### Relação com o Objeto Materno

As crianças necessitam de estabilidade e continuidade nas suas relações (Bowlby, 1958), sendo que a falta física e a inconstância afetiva podem levar ao desenvolvimento de problemas emocionais e relacionais (Winnicott, 1964). O divórcio dos pais é uma experiência vivida de forma traumática na qualidade de abandono materno, que surge associada a sentimentos de traição e desilusão em relação ao objeto (Balrôa, 2015). Green (1988), associa a separação do objeto materno, percebida como abandono, à dor e ao luto, sendo que a impossibilidade de elaborar essa perda se reflete na incapacidade para introjetar bons objetos, levando ao afastamento e negação do amor pelo objeto. A ausência percebida da mãe surge associada a sentimentos de zanga, desamparo, solidão e insegurança, que resultam no afastamento e desejo de punição vingativa do objeto materno, através de uma atitude compulsiva de destruição (Ogden, 1986) *“durante 6 ou 7 anos não falei com a minha mãe (...) mandava-lhe mensagens a dizer ‘morre puta, morre puta’, ela tentava passar por mim na rua, tentava falar comigo e eu fugia e chamava-lhe nomes”*, por se sentir indesejado e rejeitado pela mãe que frustra as suas necessidades (Kernberg, 1998). Segundo Greenberg e Mitchell (2003), a agressividade dirigida contra o objeto materno é uma reação à falta de amor primário, que surge como resposta à agressividade e frustrações vividas nessa relação.

Os objetos internos, materno e paterno, surgem na narrativa a partir de repetidas oscilações entre representações de qualidade oposta que, devido ao mecanismo de clivagem, não consegue integrar em objetos totais e reais. Assim, o objeto interno é vivido de forma parcial, entre representações totalmente “boas” ou “más”, evidenciando a sua fragilidade (Kernberg, 2009). A necessidade de proteger as partes boas do objeto das partes más, resulta numa tendência para idealizar o objeto do qual se espera apoio e investimento narcísico e para desvalorizar aquele de quem não se espera receber investimento (Ogden, 1986). Neste sentido, em virtude da sensação de abandono materno, a necessidade de um objeto bom leva à idealização do pai, assente na negação das partes más do objeto que se reflete na descrição de qualidades totalmente boas, independentemente da agressividade vivida nessa relação, uma vez que o ódio dirigido contra o objeto paterno está recalcado, por medo de perder o amor do objeto ou seja de ser abandonado (Matos, 1983). Esta idealização não parece refletir um objeto sentido como poderoso e seguro (Kohut, 1971), mas uma movimento excessivo que, através de

uma imagem irreal e distorcida, procura negar os aspetos totais do objeto sentidos como perigosos e ameaçadores (Fairbairn, 1946). Por outro lado, as más qualidades do objeto são totalmente projetadas na mãe sentida como abandonada, insegura e ameaçadora. Embora refira “*durante seis ou sete anos não falei com a minha mãe (...) nunca estive com ela durante anos e anos*”, ficando a ideia de uma profunda rutura na relação com o objeto materno, não consegue renunciar à relação durante esse período nem separar-se totalmente, uma vez que o objeto permanece sempre presente através da punição e da desvalorização, refletindo a sua predominância psíquica. Segundo Fairbairn (1946), a sobrevivência psíquica depende da existência de relações de objeto. Assim, a sua ausência, ou como diz Coimbra de Matos (1983) “o deserto relacional”, comporta o terror de aniquilamento, sendo menos ameaçador relacionar-se com um mau objeto interno relativamente à sensação de não ter objeto (Ogden, 1986).

As dificuldades para elaborar a relação e integrar sentimentos opostos face ao objeto, refletem-se na incapacidade para reconhecer a ambivalência e a ansiedade depressiva que vive nessas relações, uma vez que o ódio é apenas dirigido contra o objeto materno, não conseguindo reconhecer nem tolerar a agressividade sentida do e para com o pai. A possibilidade de revoltar-se e agredir o objeto ideal pela angústia e insuficiências afetivas, ameaça a identificação e a integridade do objeto e, por consequência, a sua própria integridade ao perceber que não teve um pai nem uma mãe, um movimento muito difícil para um *self* frágil e pouco investido. Neste sentido, a idealização e identificação com o objeto paterno estão associadas à necessidade de investimento afetivo, o compromisso possível para fazer frente à sensação de abandono e desamparo decorrente da relação com o objeto materno hostil e ameaçador (Kernberg, 2009). Ogden (1986), salienta a importância de tolerar e integrar a ambivalência das relações, mantendo um equilíbrio entre idealização e realidade sendo que, neste caso, a idealização da figura paterna representa a única possibilidade de R. se relacionar com um bom objeto interno, uma fantasia que permite proteger-se dos impulsos agressivos, mantendo a estabilidade de que necessita para evitar confrontar-se com a fragilidade de um mundo interno empobrecido e povoado por maus objetos.

Assim, apesar da necessidade de investimento do outro, a instabilidade internalizada nas relações objetais com os cuidadores, tornam assustador depender do objeto a um nível profundo, devido à desconfiança e depreciação que sente (Kernberg, 2009). Neste sentido, a demonstração de independência e autonomia emocional é a

solução que encontra para negar as necessidades afetivas, uma atitude onipotente que surge como resposta perante a dependência emocional de um objeto maligno e perigoso (Bergeret, 1998). A dependência sentida na relação com o objeto materno reflete-se na incapacidade para se aproximar de forma afetiva, embora não consiga separar-se plenamente e necessite da sua presença, enquanto objeto de apoio, para sustentar a sobrevivência psíquica e a transição para uma forma de dependência madura do objeto (Bergeret, 1998). Devido às dificuldades para introjetar um objeto interno securizante e confiável, tanto a aproximação como a separação são sentidas como ameaçadoras. Ainda assim, devido à fragilidade e dependência emocional que vive, é mais assustador sentir a indiferença do objeto que se afasta de forma perversa (Balint, 1952).

A relação com o objeto materno é pautada por uma sensação de abandono profundamente internalizada e associada a afetos como a raiva e a culpa, refletindo a angústia e fragilidade desta relação. Uma vez que R. não se sente reconhecido nem amado na relação com os pais, estes não conseguem responder adequadamente às suas necessidades (Balrôa, 2015), resultando numa dependência excessiva e identificação emocional com o objeto, na qual a separação representa a maior fonte de conflito interno (Fairbairn, 1946). Assim, a única possibilidade de se relacionar com o outro é através de uma dinâmica relacional narcísica, na qual o objeto só existe na qualidade de suprimir e satisfazer as necessidades do próprio (Ogden, 1986), ficando comprometida a possibilidade de introjetar um objeto interno que confira segurança afetiva (Balrôa, 2015). Desta forma, a predominância do mau objeto interno e labilidade psíquica, refletem uma relação de objeto instável e insegura, pautada por atitudes e afetos ambivalentes, agressivos e depressivos, cuja intensidade refletem a frustração entre o desejo de separação e a angústia de não sobreviver sozinho (Bergeret, 1998).

### Relação e Rivalidade com o Irmão

O sentimento de não ser amado pela mãe surge da dificuldade para estabelecer boas relações de objeto (Fairbairn, 1946), e dá conta da frustração interna que vive. No entanto, o confronto com a realidade do irmão que se manteve física e afetivamente próximo da mãe pode tornar mais intensa a sensação de não ser suficientemente bom nem atraente para ser amado pelo objeto.

Devido à sensação de abandono e carência afetiva que vive na relação com o objeto materno, em contraposição ao irmão, expressa a inveja através da qual é possível perceber os atributos que deseja ter para si, nomeadamente, o olhar, amor, reconhecimento, atenção e interesse do objeto. Segundo Klein (1957), a inveja é uma expressão de impulsos destrutivos contra o objeto, por sentir-se privado do amor e gratificação da mãe que o frustrou. A criança inveja na mãe a bondade e o amor que permanecem fora do seu controlo, reagindo com raiva à satisfação mútua que imagina existir entre a mãe, o pai e os irmãos relativamente à sua própria frustração e exclusão (Klein, 1957). A inveja em relação ao irmão é reforçada por sentir que mais ninguém existe aos olhos da mãe e do pai *“tudo isto me afetava muito, eles terem uma fixação pelo João”*, uma sensação de não haver espaço para si no amor do objeto, apesar dos seus esforços para ser visto e agradar. No entanto, confrontar-se com a inveja é de tal forma doloroso que a solução que encontra para combater este sentimento e os impulsos agressivos é através da rejeição do irmão *“não concordo com aquilo que ele é, não concordo com as coisas que ele faz, com as coisas que ele diz, o que faz, onde está, com quem está”*, procurando destruir os seus atributos num esforço para que este seja feito à sua semelhança, e do desejo de superar o irmão a todo o custo, na tentativa de ser reconhecido pelos pais. Este desejo surge associado à necessidade de controlar o irmão, que se manifesta através de uma relação de dependência no trabalho, uma atitude onipotente, que surge como defesa contra a inveja ao assumir uma posição de autoridade na qual é chefe hierárquico do irmão, dominando-o através dos horários, tarefas e regras que estabelece. Além disso, esta posição permite ensinar ao irmão as façanhas do trabalho, criando a ilusão de ser superior.

Intimamente associado ao sentimento de inveja está o ciúme (Zimerman, 2007) em relação ao irmão, por sentir que este ameaça a possibilidade de ter o amor do objeto, tornando-se seu rival (Winnicott, 1964). Segundo White e Mullen (1989), o ciúme surge num contexto de triangulação da relação, quando a rivalidade face ao irmão envolve a ameaça ou perda do amor e da atenção dos pais. Devido ao ódio, ressentimento e insegurança vividas na relação com o objeto materno (Klein, 1957), a rivalidade em relação ao irmão surge como resposta à sensação de abandono e rejeição pelo objeto, muito interiorizado no sua experiência interna, motivando comportamentos destrutivos em relação ao objeto invejado.

## V (FEMININO, 46 ANOS)

### Relação com o Objeto Materno

O objeto, materno e paterno, surge em representações pouco diferenciadas, uma vez que recorre predominantemente à referência “*os pais*”, refletindo a confusão dos limites e a fragilidade do objeto (Bergeret, 1998), devido às dificuldades para separar os atributos que vive nessas relações. A relação com o objeto interno é vivida em virtude de um movimento de clivagem, no qual polariza os atributos do objeto com os quais se relaciona. Por um lado, sente a funcionalidade, rigidez e pouca tolerância “*os meus pais têm muita falta de paciência (...) mãe sempre cansada e irritada, pouco paciente, mas o meu pai também*”, num ambiente de muita contenção “*termos (...) que falar baixinho e fazer pouco barulho*” e, por outro, relaciona-se com um objeto sem regras e sem limites “*eram também uns grandes hippies (...) andavam todos nus pela praia e nós também*”. A ambivalência pode ser uma experiência vivida de forma violenta, devido à incongruência e imprevisibilidade da relação com o objeto, reforçando as dificuldades de integração das suas diferentes partes num objeto bom e total (Bergeret, 2004).

Segundo Mahler (1977), a mãe é a mais importante figura de apoio no processo de desenvolvimento e maturação psíquica. Contudo, a relação com o objeto materno é representada num “*papel secundário*”, enquanto “*figura esbatida*”, associada à angústia decorrente da carência de experiências de proximidade e intimidade afetiva “*nunca tive momentos de carinho e de toque com a minha mãe (...) nunca consegui falar com a minha mãe sobre as minhas coisas*”, uma relação pautada por agressividade “*ficava tão enraivecida, tão impaciente e maldisposta*”, e prevalência da capacidade de suprimir as necessidades de forma funcional “*papel de provider, de asseguradora das refeições e da nossa sobrevivência (...) ficava a lavar a loiça, a arrumar a cozinha*”, em virtude das insuficiências afetivas “*desprendida, mais desligada (...) coisas de mãe, mais vinculativas do amor vinham mais do meu pai*”. Tustin (1991) introduz o conceito de “*mãe morta*” para se referir à relação com uma mãe ausente emocionalmente e incapaz de estabelecer uma conexão emocional significativa com a criança. Assim, a relação com o objeto materno é associada ao conflito interno, angústias, inseguranças e dificuldades que experimenta “[a mãe] *poderia ter dado mais confiança (...) assegurado que nos sentíamos amados (...) poderia ter ajudado a estes sentimentos todos em relação ao meu irmão e dentro de mim, coisas que eu fico muito zangada comigo mesmo e que não sei lidar (...) que nos tivesse ensinado a falar sobre os nossos sentimentos*”. Winnicott (1975)

atribui à relação com a mãe um papel privilegiado no desenvolvimento da criança, teorizando que esta só consegue estar sozinha quando for capaz de interiorizar uma mãe “suficientemente boa”, securizante e protetora. Assim, a falta de um objeto interno desta natureza pode refletir-se nas dificuldades e ansiedade que V. experimenta ao separar-se dos filhos e na hiperprotecção.

A primeira grande separação vivida com o objeto materno deu-se aos 3 anos, em virtude da situação de doença do irmão à nascença, uma experiência que pode ter levado à intensificação da atenção da mãe sobre ele. A segunda aconteceu menos de um ano depois, com a ida para a colónia de férias, uma experiência vivida de forma traumática, dada a sensação de rejeição e abandono, comparativamente ao irmão, refletindo as dúvidas e dificuldades para reconhecer o espaço que ocupa dentro do objeto, isto é, a constância no interior do mesmo (Matos, 2001). O não ser visto nem reconhecido psiquicamente representa não existir, pelo que a perda do olhar materno é sentido como uma ameaça que resulta em angústia da perda do amor do objeto (Bergeret, 1998). Assim, associa estas experiências ao conflito interno “*medo de não ser amada (...) de haver filhos preferidos (...) sentimento de desprotecção*”, e “*ciúmes em relação ao irmão*”, culpabilizando a carência materna pelos “*sentimentos todos em relação ao meu irmão e dentro de mim, coisas que eu fico muito zangada (...) e que não sei lidar (...) que nos tivesse ensinado a falar sobre os nossos sentimentos*”.

Quando as necessidades narcísicas da criança, isto é, necessidade de amor, valorização e reconhecimento são sentidas como insuficientes, a criança fica triste, ansiosa, insegura e revoltada (Kohut, 1962). No entanto, dada a fragilidade e insegurança vividas na relação, revoltar-se ou reconhecer os impulsos agressivos contra o objeto é sentido de forma assustadora como uma ameaça à relação que pode não resistir a tal ataque. Uma vez que o objeto interno assegura as necessidades básicas à sobrevivência, está fisicamente presente, e é vivido a partir de uma relação pautada por ambivalência, a capacidade para tolerar e elaborar a raiva e hostilidade é deficitária, gerando um intenso sentimento de culpa. Desta forma, recorre ao mecanismo de negação, reforçando a clivagem, de forma a controlar as emoções e atitudes ambivalentes em relação ao objeto (Fairbairn, 1946), num esforço para preservar a relação, transformando o mau num bom objeto interno (Kernberg, 2009). A negação de emoções contrárias em relação ao objeto, contribui para a rejeição da depressão que resultaria da integração dessas emoções (Kernberg, 2009). Klein (1957), refere que quando na relação com o objeto materno, este

é sentido como indisponível do ponto de vista afetivo, a criança pode desenvolver ansiedade profunda de medo de perder o objeto, desenvolvendo uma relação ambivalente com a mãe. Segundo Balrôa (2015), uma vez que o objeto interno é sentido a partir de atitudes e comportamentos agressivos e ambivalentes, este não consegue responder adequadamente às suas necessidades emocionais e fornecer um ambiente emocionalmente estável, fragilizando-a do ponto de vista narcísico. Assim, V. sente uma falta de reconhecimento e validação emocional, e um sentimento de não ser amada, que a acompanham ao longo de toda a narrativa.

### Relação e Rivalidade com o Irmão

Os sentimentos de valor e competência pessoal desenvolvem-se a partir dos cuidados que satisfaçam adequadamente as necessidades emocionais da criança, isto é, de uma relação na qual sinta afeto, admiração e reconhecimento pelo objeto (Matos, 2011). Assim, a carência afetiva vivida na relação com o objeto dá origem a uma necessidade de amor, reconhecimento e validação que não são satisfeitas na medida que precisa e deseja, ficando deprimida e insegura (Kohut, 1962), relativamente ao espaço que ocupa no objeto materno (Matos, 2001).

O irmão é percebido como “*mais bonito*” e mais amado pelos pais, devido às experiências muito precoces da infância que foram vividas enquanto abandono e rejeição materna, comparativamente ao irmão, que aos seus olhos era acolhido e investido. Consequentemente surge naturalmente a inveja, um sentimento primitivo à condição humana, relacionado com o ódio dirigido contra um objeto que possui algo que o sujeito quer para si (Klein, 1957). Fruto da inveja em relação ao irmão, reage através de um comportamento polarizado. Por um lado, deseja identificar-se com ele de forma confusa, evidenciando a labilidade das identificações, querendo possuir os atributos do objeto invejado (Klein, 1957). Por outro lado, teme a indiferenciação, pelo que este movimento é substituído por um outro assente na necessidade de atacar e destruir o objeto invejado (Klein 1957), manifesta através de rivalidade, atitudes agressivas e desvalorização do irmão, na tentativa de se sentir superior.

Hadfield (1962), sugere que a rivalidade entre irmãos é uma forma de preservar a relação e o amor materno, enquanto resposta à partilha desse amor, em virtude do medo associado à perda do amor do objeto (Parrot, 1991). Assim, esta mudança de atitude

reflete o compromisso possível para fazer frente ao insuficiente investimento que sente receber do objeto, manifesto no sentimento de não ser suficientemente amada, reconhecida nem admirada (Matos, 2001). Assim, a rivalidade com o irmão surge em virtude da necessidade de sentir segurança relativamente ao espaço que ocupa dentro do objeto e na dinâmica familiar, isto é, que é importante aos olhos do objeto. Através da rivalidade, esforça-se para se sentir mais amada, através da validação e reconhecimento que tanto necessita (Greenberg & Mitchell, 2003).

A agressividade causa na criança uma sensação de dano e destruição do próprio e do outro, que pode ser real ou imaginada (Winnicott, 1964). Neste sentido, reconhecer os movimentos agressivos e sentimentos hostis em relação ao irmão gera um sentimento de culpa por atacar e potencialmente destruir o objeto com a sua agressividade, que é proporcional à raiva e inveja que sente. Por outro lado, existe a culpa por sentir que não soube apoiar nem aproximar-se do irmão no período “*mais difícil*” da sua vida, devido à necessidade de reconhecimento e de se sentir amada pelos pais, isto é, sentir que é destacada e “*protegida em relação ao irmão*”. A incapacidade de apoiar e estar próxima do irmão, e naturalmente ficar contra os pais, pode refletir a necessidade de obter ganhos narcísicos, o compromisso possível para ser investida, o destacamento pessoal para com o objeto materno, ainda que tal só seja possível pela deterioração do comportamento do irmão aos olhos dos pais, sentindo-se mais próxima do objeto.

## DISCUSSÃO

O presente estudo procurou compreender a natureza e qualidade da relação com o objeto materno e o seu impacto na rivalidade entre irmãos, assente em quatro objetivos específicos: (1) como é que o filho representa o objeto materno, (2) de que forma a relação com o objeto materno é sentida e elaborada, (3) como é que o filho percebe o impacto da relação com a mãe na rivalidade fraterna, (4) como é que as características da fratria influenciam a qualidade da relação e o nível de rivalidade fraterna.

A análise interpretativa dos três sujeitos focou a experiência e os significados subjetivos, a partir dos quais é possível perceber o que revelou ser transversal a cada um dos participantes, ou seja, os padrões comuns entre eles. Desta forma, são apresentadas e discutidas as questões e temáticas que a análise individual permitiu evidenciar e que se revelaram fundamentais na experiência de rivalidade fraterna. Segundo Ogden (1983), a *relação de objeto interno* pode ser externalizada nas relações interpessoais, por meio de *projeção e identificação projetiva*. É importante referir que, variando a intensidade da projeção do objeto interno, os três sujeitos revelaram estes mecanismos defensivos no decorrer das narrativas, através dos quais foi possível expressar as representações e dinâmicas vividas na relação com o objeto, bem como a angústia e o conflito interno.

Relativamente ao primeiro objetivo do estudo, salienta-se que nenhum participante descreveu momentos afetivos com os pais e/ou os irmãos. Pelo contrário, as três narrativas centram-se na descrição de experiências angustiantes associadas a insuficiências afetivas e rejeição vividas na relação com o objeto materno. Embora de maneira distinta, os três sujeitos expressam a representação do objeto a partir de uma rede de abstrações contraditórias e difíceis de integrar num objeto único e total, isto é, vivem a relação com o objeto através do mecanismo de clivagem. Estas representações surgem associadas à ambivalência, que reflete a dificuldade para elaborar afetos e atitudes opostas sentidas do e para com o objeto (Balint, 1952), devido à insegurança, imprevisibilidade e instabilidade sentidas na relação com a mãe, que resultam em inconstância e fragilidade do objeto interno. A partir do mecanismo de clivagem, é possível perceber que as representações do objeto materno e paterno surgem em todas as narrativas de um modo pouco diferenciado. Destaca-se que nas participantes I. e V., o outro é representado enquanto extensões do objeto materno, reforçando a sua predominância psíquica. No participante R., a mãe e o pai surgem como as duas partes de um mesmo objeto clivado, enquanto objetos parciais, sendo a mãe vivida na qualidade de objeto totalmente mau,

uma vez que representa a totalidade das partes malignas e o pai enquanto objeto totalmente bom. Estes movimentos psíquicos são possíveis através da idealização do pai, presente nos três sujeitos a partir da negação dos atributos totais do objeto, de forma a não se confrontar com a angústia (Kernerg, 2009). Além disto, é transversal a representação do objeto materno a partir dos atributos funcionais, os quais sobrevalorizam, num esforço para manter a fantasia de possuírem um objeto interno que confira alguma proteção e constância interna. A relação de dependência e condescendência em relação ao objeto é também uma forma de idealização que permite fantasiar e preservar as boas qualidades do objeto rejeitante (Ogden, 1983). Uma vez que a relação com o objeto interno não confere a segurança afetiva de que os sujeitos necessitam, embora em intensidades distintas, é transversal a carência de um objeto interno securizante, que se reflete na busca constante e necessidade de serem amados, acolhidos, reconhecidos e valorizados pelo objeto materno (Matos, 2011).

Em relação ao segundo objetivo, salienta-se que as qualidades do objeto supramencionadas dificultam a elaboração e integração da relação com o objeto materno. Os três participantes associaram esta relação à incapacidade para amar ou investir afetivamente os vários filhos. Por um lado, a relação com o objeto é vivida a partir de dificuldades de diferenciação, uma questão transversal, que reflete a mutabilidade psíquica e labilidade das identificações, ou seja, os atributos do *self* estão identificados com o objeto interno, pelo que só é possível ser à semelhança deste (Ogden, 1986). Por outro, a indisponibilidade psíquica e afetiva experienciadas nesta relação são vividas pelos sujeitos enquanto abandono, real ou percebido. Neste sentido, surgem as dificuldades de aproximação e separação do objeto, um compromisso psíquico no qual o sujeito não tolera nem a distância nem a proximidade. Destaca-se a necessidade de estar profundamente ligado ao objeto, embora esta constitua uma ameaça devido à dor que representa depender de um objeto inseguro e potencialmente perigoso. Ainda que a distância torne as relações menos desorganizadoras, nenhum sujeito apresenta os recursos psíquicos para o pleno processo de individuação, vivendo sob uma relação de falsa independência que reflete, igualmente, a carência de objetos internos seguros. São nótoras as dificuldades dos três sujeitos para elaborar a relação com o objeto materno, devido à labilidade das identificações, insuficiências e desencontro afetivo, assentes numa relação que não confere um espaço no qual os sujeitos se sintam acolhidos para a partilha e elaboração dos dados da experiência (elementos  $\beta$ ), em elementos psíquicos dotados de

simbolização (elementos  $\alpha$ ) (Grotstein, 2007). Desta forma, os três sujeitos referem a carência de uma relação com um objeto que desempenhe a função  $\alpha$ , isto é, a capacidade de transformação da experiência. Desta forma, os três sentem que não desenvolveram a capacidade para pensar e transformar os seus estados e experiências internas, que englobam também os afetos, agressividade e atitudes que sentem do e para com os objetos, dificultando a elaboração das relações (Bergeret, 1998).

A respeito do terceiro objetivo da presente investigação, os três sujeitos salientam que as dificuldades para gerir os seus estados e experiências internas, com particular evidência dos afetos e impulsos agressivos, dificultam a transformação das emoções hostis sentidas na relação com os irmãos, incluindo a rivalidade, sentida de forma intensa e desorganizada. A capacidade de amar os irmãos implica a profunda experiência de amor e preocupação na relação com a mãe (Greenberg & Mitchell, 2003). A rivalidade nos três sujeitos, surge enquanto consequência de dois grandes elementos vividos na relação com a mãe. Em primeiro lugar destaca-se a convicção de haver filhos preferidos, que se materializa na perceção de maior investimento, tratamento diferencial e relação mais próxima do ponto de vista afetivo em relação ao objeto materno. É de salientar que nos três sujeitos, é intolerável a possibilidade de existir um filho preferido, isto é, mais amado e investido pelo objeto, pelo que embora a rivalidade se expresse e seja vivida de forma distinta, é transversal a necessidade de negar a angústia através da justificação e proteção do objeto de forma a expressar o profundo desejo de que aos olhos do objeto não houvesse filhos preferidos. Em segundo lugar, a sensação de não serem suficientemente bons para serem amados pelo objeto materno, relativamente ao irmão, que se manifesta em perda do sentido de pertença, fantasma de abandono e rejeição relativamente ao irmão que é acolhido, o medo de ser invisível aos olhos do objeto que nem o vê, nem acolhe. Estes fatores surgem associados a profundos sentimentos de inveja, relativamente a tudo aquilo que imaginam o irmão ter para ser apreciado aos olhos do objeto. Salienta-se nos três sujeitos a existência de dois movimentos psíquicos que representam importantes defesas contra a inveja, os compromissos possíveis para obter os ganhos narcísicos de que necessitam, nomeadamente, a identificação com o irmão, a partir da qual conseguem manter a ilusão de proximidade com o objeto materno, e a desvalorização do irmão, na tentativa de se superiorizar, sentir reconhecido e valorizado aos olhos do objeto. Estes dois movimentos representam atitudes onnipotentes por parte do sujeito, de controlo do objeto, na tentativa de o tornar menos ameaçador.

Nos sujeitos R. e V. a rivalidade face aos irmãos é explícita e consciente, e surge a partir da sensação de solidão e rejeição do objeto materno, relativamente ao irmão, experiência associada a sentimentos de raiva, inveja e ciúme, apoiados na ideia do irmão estar mais próximo do objeto materno e manter uma relação afetiva com o mesmo, por ser protegido pelo objeto e mais investido narcisicamente. Por outro lado, devido à instabilidade e fragilidade e intensidade das dificuldades de diferenciação vividas na relação com o objeto materno, existe o risco de perda do objeto materno ameaçando a sua própria integridade psíquica (Bergeret, 1998). Desta forma, a participante I. não apresenta um ego totalmente preparado para aceder à situação triangular, pelo que rivalizar com irmãos implica reconhecer um outro na sua dinâmica relacional com a mãe, confrontando-se assim com a angústia que vive na relação com o objeto materno, associada à ameaça de perder o objeto, convocando fantasmas de morte. Consequentemente, a rivalidade com os irmãos expressa-se de forma diferente. Por um lado, existe a necessidade de excluir os irmãos da experiência afetiva, uma atitude onipotente que surge como solução para a rivalidade, ao evitar que estes representem uma ameaça na sua relação com a mãe. Por outro, com o irmão que sente estar mais próximo da mãe reage a partir de dois movimentos: através da desvalorização do irmão, e com uma identificação excessiva, um compromisso que permite manter a fantasia de estar próxima do objeto materno, diminuindo a ameaça que este representa. Os ciúmes apenas são expressos pelos sujeitos R. e V. devido à capacidade de ambos para encarar a situação triangular.

Para responder ao quarto objetivo, recorreu-se à análise dos dados quantitativos. Quanto ao género do participante, a respeito da qualidade da relação fraterna, só se verificaram diferenças significativas na dimensão *Competição*, na qual os sujeitos do género masculino ( $M= 2.375$ ;  $DP= .896$ ) consideram haver mais competição na fratria, comparativamente aos sujeitos do género feminino ( $M= 2.087$ ;  $DP= .750$ ), corroborando os estudos de Dunn (1992) e McHale et al. (2000; 2017). Embora alguns estudos (e.g. Sulloway, 1996), apontem o género e a ordem de nascimento como principais fatores que influenciam a expressão de rivalidade na relação fraterna, neste estudo, não foram encontradas diferenças significativas entre os géneros feminino e masculino na rivalidade fraterna, tanto a respeito do participante como do irmão. Estes resultados vão ao encontro dos trabalhos de Brody, Stoneman e McCoy (1994) e de Kramer (2004), que indicam que a rivalidade entre irmãos é um fenómeno que se mostra independentemente do género. Assim, é possível perceber que os fatores subjacentes à experiência de rivalidade não são

determinados pelo género, mas por outros elementos como o ambiente e as relações familiares.

No fator Rivalidade, maior percepção de tratamento paterno diferencial está associado a maior percepção de afeto na fratria, o que vai ao encontro do estudo de Volling e Elins (1998), onde os autores explicam que a maior procura de afeto entre irmãos pode surgir como forma de compensar as diferenças percebidas do tratamento do pai. Em contrapartida, maior percepção de tratamento diferencial da mãe entre os irmãos surge associada a mais suporte emocional, o que vai ao encontro da Teoria das Alianças Parentais, proposta por Minuchin (1974), que indica que a percepção de maior apoio por parte da mãe pode proporcionar um ambiente de suporte emocional e alianças entre os irmãos, enquanto solução para gerir a rivalidade. No entanto, é curioso cruzar os dados obtidos através do QRIA com os dados das narrativas, uma vez que não se verificou uma aliança nem aproximação dos irmãos face à sensação de tratamento diferencial ou favoritismo dos pais. Pelo contrário, estes são elementos que surgem como potenciadores da rivalidade. Por último, tanto a respeito da rivalidade, como da qualidade da relação entre irmãos, para as variáveis Posição na Fratria, Idade Relativa e Constelação Familiar, verificou-se que não existem diferenças significativas entre os grupos nestas variáveis, o que não vai ao encontro da literatura (e.g. (Stocker et al., 1989; Stocker & McHale, 1992; Goldsmid & Féres-Carneiro, 2007).

Os resultados deste estudo revelam a sua importância uma vez que as dinâmicas familiares desempenham um papel significativo no desenvolvimento infantil (Volling & Elins, 1998), na qual a qualidade da relação com a mãe apresenta implicações diretas na relação entre os irmãos (McHale et al., 2000; Kramer, 2004). Além disso, tal como aponta o estudo de Dunn (1992), a rivalidade entre irmãos tem implicações, a longo prazo, nomeadamente, na autoestima, adaptação emocional, ansiedade e bem estar psicológico. Uma vez que este estudo proporciona uma base para a compreensão do impacto da complexidade das relações familiares, a investigação nesta área contribui para o desenvolvimento da teoria e prática do desenvolvimento infantil (McHale, Updegraff, & Feinberg, 2017).

É importante salientar as principais limitações metodológicas da presente investigação. A introdução do questionário na primeira fase de recolha dos dados, a respeito da qualidade da relação entre irmãos, pode representar um compromisso deste estudo no que diz respeito à seleção dos participantes para a entrevista, uma vez que a

resposta ao mesmo pode ter instalado mecanismos defensivos nos sujeitos e explicar a pouca receptividade para a realização da entrevista. Inicialmente, a seleção de sujeitos para a entrevista tencionava, a partir dos valores obtidos na rivalidade, uma das dimensões que o instrumento avalia, conter sujeitos que se situassem nos dois extremos (i.e. com níveis máximos e mínimos de rivalidade). No entanto, dos 16 participantes contactados, apenas 4 responderam positivamente ao e-mail e realizaram a entrevista. Contudo, uma das entrevistas não foi considerada no presente estudo, uma vez que o sujeito mostrou uma barreira emocional associada a mecanismos defensivos como a negação, racionalização, e evitamento, que dificultaram a emergência da experiência interna, das emoções e da angústia sob a forma de cadeias associativas.

Por outro lado, o presente estudo foi inicialmente pensado para comparar de que forma a natureza e qualidade da relação com o objeto materno influencia a experiência de rivalidade entre uma díade de irmãos, de forma a compará-los. No entanto, dos participantes que realizaram a entrevista, nenhum irmão aceitou participar no estudo, pelo que a investigação sofreu uma modificação metodológica, retirando-se a componente de comparação entre a díade. Esta investigação centra-se somente na perspectiva e experiência de um dos elementos da fratria, pelo que estudos futuros podem beneficiar da comparação entre os vários elementos, de forma a obter uma compreensão mais completa do fenómeno da rivalidade e da influência da relação com a mãe no mesmo. Além disto, a comparação poderia permitir a identificação de padrões de interação e relação que podem não ser evidentes ao focar apenas um elemento da fratria. Tendo em consideração os resultados da presente investigação, é importante que trabalhos futuros procurem compreender como é que os diferentes aspetos das relações e funcionamentos familiares, além da relação com o objeto materno, podem contribuir para a qualidade da relação e experiência de rivalidade entre os irmãos.

A presente investigação encara a rivalidade fraterna como uma experiência natural, necessária e intrínseca à tapeçaria das relações humanas, que impulsiona o desenvolvimento. Tradicionalmente, a relação com a mãe apresenta um papel central no desenvolvimento psíquico, emocional e social da criança, sendo o principal molde para as futuras interações e relações com os outros. Assim, perceber como a relação com a figura materna influencia e impacta a rivalidade fraterna é um ponto essencial para compreender as vicissitudes e contornos da experiência de rivalidade em profundidade. Como tal, esta investigação apresenta uma profunda relevância clínica e teórica no campo

de investigação em Psicologia Clínica. Do ponto de vista clínico, compreender esta dinâmica mostra ser fundamental para o trabalho e intervenção clínica, ao perceber a experiência de rivalidade como um fenómeno que está associado à qualidade da relação com a mãe. Por outro lado, do ponto de vista teórico, a relação de objeto interno é um conceito fundamental da teoria psicanalítica que descreve como a representação da imago materna é internalizada pelos sujeitos e de que forma estes se relacionam e identificam com essa representação. Uma vez que a rivalidade fraterna é um fenómeno pouco explorado, esta investigação oferece uma luz sobre o impacto da qualidade da relação com mãe na experiência de rivalidade, permitindo importantes *insights* para a compreensão das dinâmicas e relações familiares no desenvolvimento emocional e social da criança que se reflete, mais tarde, nas relações que estabelece em adulto.

## REFERÊNCIAS

- Alarcão, M. (2006). *Des) equilíbrios familiares: uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto
- Alexandre, M. F. (2021). Do Caos ao Renascimento do Espaço Psíquico. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 41 (1): 37-45.
- Balint, M. (1952). New Beginning and the paranoid and the depressive syndromes. *The International Journal of Psychoanalysis*, 33, 214–224.
- Balrôa, J. (2015). Psicanálise Relacional Contemporânea - da heresia à reformulação da Psicanálise. *Psicologia na atualidade - psicologia para todos*.
- Barker, C., Pistrang, N., & Elliott, R. (2016). *Research Methods in Clinical Psychology: An Introduction for Students and Practitioners* (3ª ed.). Oxford: John Wiley & Sons, Ltd.
- Bergeret, J. (1998). *Psicologia Patológica Teórica e Clínica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bergeret, J. (2000). *A personalidade normal e patológica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bion, W. R. (1963). *Elementos em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1965). *As transformações: mudança do aprender para o crescer*. Rio de Janeiro: Imago.
- Blatt, S. J., & Auerbach, J. S. (2003). Psychodynamic measures of therapeutic change. *Psychoanalytic Inquiry*, 23(2), 268–307.
- Blatt, S., Chevron, E., Quinlan, D., Schaffer, C., & Wein, S. (1992). The assessment of qualitative and structural dimensions of object representations (Revised Edition). *Unpublished research manual*.
- Boer, F. (1990). Sibling relationships in context family. Em F. Boer, *Sibling relationships in middle childhood* (pp. 7-60). Leiden: SDWO Press.
- Bollas, C. (1989). *Forces of destiny: Psychoanalysis and human idiom*. Free Association Books.
- Britto, N. (2002). *Rivalidade fraterna: o ódio e o ciúme entre irmãos*. São Paulo: Agora.

- Brody, G. H., Stoneman, Z., & McCoy, J. K. (1994). Forecasting sibling relationships in early adolescence from child temperaments and family processes in middle childhood. *Child Development, 65*(3), 771–784.
- Bryant, B. (1992). Sibling caretaking: Providing emotional support during middle childhood. Em F. Boer, & J. Dunn, *Children's sibling relationships: Developmental and clinical* (pp. 55-69). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Buist, K. L., Deković, M., & Prinzie, P. (2013). Sibling relationship quality and psychopathology of children and adolescents: a meta-analysis. *Clinical psychology review, 33*(1), 97–106.
- Calladine, C. (1983). Sibling rivalry: A parent education perspective. *Child Welfare Journal, 62*(5), 421-427.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, J. L., Relva, I. C., & Fernandes, O. M. (2018). Funcionamento familiar e estratégias de resolução de conflitos na fratria. *Análise Psicológica, 1* (XXXVI): 61-73.
- Chase, S. E. (2003). Learning to listen: Narrative principles in a qualitative research methods course. Em R. Josselson, A. Lieblich, & D. P. McAdams, *Up close and personal: The teaching and learning of narrative research* (pp. 79–99). Washington, DC: American Psychological Association.
- Conger, K., & Little, W. (2010). Sibling Relationships During the Transition to Adulthood. *Child Development Perspectives, 4*(2) 87-94.
- Crowell, J., & Treboux, D. (1995). A review of adult attachment measures: Implications for theory and research. *Social Development, 4*, 294-327.
- Dunn, J. (1992). Siblings and Development. *Current Directions in Psychological Science, 1*(1), 6-9.
- Elyseu, S. (2003). Complexo fraternal: A fonte do ciúme e da inveja. *Psicologia: Teoria e Prática, 5*(2), 56-66.

- Fairbairn, W. R. (1941). A revised psychopathology of the psychoses and psychoneuroses. *The International Journal of Psychoanalysis*, 250–270.
- Fairbairn, W. R. (1954). *An object-relations theory of the personality*. Basic Books.
- Felson, R. (1983). Aggression and violence between siblings. *Social Psychology Quarterly*, 46(4), 271-285.
- Féres-Carneiro, T., Lisboa, A. V., & Magalhães, A. S. (2011). Transmissão psíquica geracional familiar no adoecimento somático. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(2), 102-113.
- Fernandes, O. M. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores .
- Fernandes, O. M. (2005). *Ser único ou ser irmão*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia*, 24 (3): 297-204.
- Finkelhor, D., Turner, H., & Ormond, R. (2006). Kid's stuff: The nature and impact of peer and sibling violence on younger and older children. *Child Abuse & Neglect*, 30, 1400-1420.
- Freud, S. (1923/1969). O ego e o id. Em S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp. 25-80 (XIX)). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Furman, W. (1995). Parenting siblings. Em M. H. Bornstein, *Handbook of parenting* (pp. 143-162). Hillsdale, NJ, England : Lawrence Erlbaum Associates, Inc. .
- Gameiro, J. (1998). *Quem sai aos seus*. Porto: Edições Afrontamento.
- Gameiro, R. (2020). Os psicanalistas perante a inveja. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 40 (1): 68-69.
- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2007). A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. *Psicologia em Revista*, Vol. 13 (2): 293-308.
- Gonçalves, M. J. (2014). Corpo do bebé/pensamento materno. Um encontro necessário. *Conferência no XXV Encontro da APPIA*. Faro.

- Gonçalves, M. J. (2019). Origem da vida psíquica, nascimento psíquico e originário. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 39 (2), 62-68.
- Goodwin, M. P., & Roscoe, B. (1990). Sibling violence and agnostic interactions among middle adolescents. *Adolescence*, 25, 451-467.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida Narcisismo de Morte*. São Paulo: Editora Escuta.
- Greenberg, R. J., & Mitchell, A. S. (2003). *Relações de Objeto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Grotstein, J. S. (2007). *A beam of intense darkness: Wilfred Bion's legacy to psychoanalysis*. Karnac Books.
- Hadfield, J. (1962). *Childhood and adolescence*. Harmondsworth: Pelican.
- Hardy, M. S., Beers, B., Burgess, C., & Taylor, A. (2010). Personal experience and perceived acceptability of sibling aggression. *Journal of Family Violence*, 25, 67-71.
- Hoffman, K. I., Kiecolt, K. J., & Edwards, J. N. (2005). Physical violence between siblings: A theoretical and empirical analysis. *Journal of Family Issues*, 26(8), 1100-1130.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2000). *Doing Qualitative Research Differently: free association, narrative and interview method*. London: Sage.
- Howe, N., Brody, M. H., & Recchia, H. (2006). Effects of Task Difficulty on Sibling Teaching in Middle Childhood. *Infant and Child Development*, 15(5), 455-470.
- Jensen, A., Whiteman, S., Fingerman, K., & Birditt, K. (2013). "Life Still Isn't Fair": Parental Differential Treatment of Young Adult Siblings. *Journal of marriage and the family*, 75(2), 438-452.
- Kettrey, H., & Emery, E. (2006). The discourse of sibling abuse. *Journal of Family Violence*, 21, 407-416.
- Klein, M. (1932). *The psycho-analysis of children*. W W Norton & Co.
- Klein, M. (1957). *Envy and gratitude: a study of unconscious sources*. Basic Books.

- Kris, M., & Ritvo, S. (1983). Parents and siblings: Their mutual influences. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 38, 311–324.
- Lanthier, R. P., & Stocker, C. (1992). *The Adult Sibling Relationship Questionnaire*. Denver, CO: University of Denver.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. (2008). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2007). Transmissão psíquica geracional: um estudo de caso. Em T. Féres-Carneiro, *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação* ( pp. 341-364). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mahler, M., Pine, F., & Bergman, A. (1977). *O nascimento psicológico da criança, simbiose e individuação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Marôco, J. (2021). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (8ª ed.). Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Matos, A. C. (1983). O desenvolvimento infantil na perspectiva psicanalítica . *Análise Psicológica*, 4 (III): 477-486.
- Matos, A. C. (1986). O primeiro amor. *Psicologia* , V, 1: 39-43.
- Matos, A. C. (2001). A culpabilidade inconsciente. Em A. C. Matos, *A Depressão: Episódios de um Percurso em Busca do seu Sentido* (pp. 33-41). Lisboa: Climepsi Editores.
- Matos, A. C. (2002). *Adolescência: O Triunfo do Pensamento e a Descoberta do Amor*. Lisboa: Climepsi.
- Matos, A. C. (2002). O Eu e a identidade. Em *Desespero*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Matos, A. C. (2011). *Relação de qualidade: penso em ti*. Lisboa: Climepsi.
- Mawson, C. (2017). Interpretation as Freud specific action and Bion's container-contained. *International Journal of Psychoanalysis*, 1519–1532.
- McHale, S. M., Updegraff, K. A., & Feinberg, M. E. (2017). Sibling and the family system: Implications for children's development and adjustment . *Annual Review of Psychology*, 281-306.

- McHale, S. M., Updegraff, K. A., Tucker, C. J., & Crouter, A. C. (2000). Step in or stay out? Parent's roles in adolescent sibling relationships . *Journal of Marriage and Family* , 746-760.
- Meltzer, D. (1975). Identificação Adesiva. *Jornal de Psicanálise*, v.38, 40-52.
- Mijolla, A., & Mijolla-Mellor, S. (2002). *Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- Minuchin , S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Neubauer, P. B. (1982). Rivalry, envy, and jealousy. *The Psychoanalytic study of the child*, 37, 121–142.
- Noller, P. (2005). Sibling relationships in adolescence: Learning and growing together. *Personal Relationships*, 12(1), 1–22.
- Ogden, T. (1986). Transference, countertransference and projective identification. Em T. Ogden, *The Matrix of the Mind: Object Relations and Psychoanalytic Dialogues* (pp. 150-163). New Jersey : Karnak .
- Ogden, T. H. (1983). The concept of internal object relations. *The International Journal of Psychoanalysis*, 64(2), 227–241.
- Padilha, C., & Barbieri, V. (2020). Transmissão psíquica transgeracional: uma revisão da literatura. *Tempo Psicanalítico*, 52(1), 243-270.
- Parrott, W. G. (1991). The emotional experience of envy and jealousy. Em P. Salovey, *The psychology of jealousy and envy* (pp. 3–30). Guilford Press.
- Pereira, C., & Lopes, R. (2013). Rivalidade fraterna: Uma proposta de definição conceitual. *Estudos de Psicologia*, 2(18), 277-283.
- Quinodoz, J. M. (2005). *Reading Freud: A Chronological Exploration of Freud's Writings*. Londres: Routledge.
- Relva, I. C. (2015). Violência na família e violência entre os filhos. Em O. M. Fernandes, & C. Maia, *A família portuguesa do século XXI* (pp. 245-252). Lisboa: Edições Parsifal.
- Relva, I. C. (2015). Violência na família e violência entre os filhos. Em O. M. Fernandes, & C. Maia, *A família portuguesa no século XXI* (pp. 245-252). Parsifal.

- Relva, I. C., Alarcão, M., & Fernandes, O. M. (2014). Rivalidade ou Violência? A percepção de Estudantes Universitários Vítimas de Violência por parte de Irmãos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 30 (3): 259-265.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Alarcão, M. (2012). Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida. *Interamerican Journal of Psychology*, 46(3), 205-214.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Martins, A. (2014). Estudo exploratório sobre a violência entre irmãos em Portugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), 398-408.
- Rodrigues, N., Relva, I. C., & Fernandes, O. M. (2022). A comunicação parental e a relação entre irmãos. *Interamerican Journal of Psychology*, Vol. 56 (2).
- Rodrigues, S. F. (1992). Amor: Objecto de amor/ amor de objeto. *Análise Psicológica*, 4 (X): 479-482.
- Rosado, F. F., Neves, T. S., & Marques, M. E. (2015). Inquietante Scientia. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 22(1), 21-50.
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (1998). *Terapia familiar*. (4ª Ed.) Porto: Edições Afrontamento.
- Stearns, P. (1988). The rise of sibling jealousy in the twentieth century. Em *Emotion and social change: Toward a new psychohistory* (pp. 190-221). Teaneck: Holmes & Meier.
- Stocker, C. M., & Lanthier, R. P. (1997). Sibling Relationships in Early Adulthood. *Journal of Family Psychology*, 11(2): 210-221.
- Stocker, C. M., & McHale, S. M. (1992). The nature and family correlates of preadolescents' perceptions of their sibling relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9(2), 179-195.
- Stocker, C., Dunn, J., & Plomin, R. (1989). Sibling relationships: Links with child temperament, maternal behavior, and family structure. *Child Development*, 60(3), 715-727.
- Straus, M. A., Gelles, R. J., & Steinmetz, S. K. (1980). *Behind closed doors*. Garden City: Anchor Books.

- Sulloway, F. J. (1996). *Born to rebel: Birth order, family dynamics, and creative lives*. Pantheon Books.
- Tippett, N., & Wolke, D. (2015). Aggression between siblings: Associations with the home environment and peer bullying. *Aggressive behavior, 41*(1), 14–24.
- Tustin, F. (1991). Revised understandings of psychogenic autism. *The International Journal of Psychoanalysis, 72*(4), 585–591.
- Volling, B. L., & Elins, J. L. (1998). Family relationships and children's emotional adjustment as correlates of maternal and paternal differential treatment: A replication with toddler and preschool siblings. *Child Development, 69*(6), 1640–1656.
- Westen, D. (1991). Social cognition and object relations. . *Psychological Bulletin, 109*(3), 429–455.
- White, G. L., & Mullen, P. E. (1989). *Jealousy: Theory, research, and clinical strategies*. Guilford Press.
- Wiehe, V. R. (1997). *Sibling abuse: Hidden physical, emotional and sexual trauma* . Thousand Oaks, CA: Sage Publications .
- Winnicott, D. (1971). *Playing and reality*. Penguin.
- Winnicott, D. (1974). Fear of Breakdown. *International Review of Psycho-Analysis, 1*, 103-107.
- Winnicott, D. (1975). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. (1983). *O Ambiente e os Processos de Maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. (s.d.). A preocupação materna primária. Em D. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (pp. 390-405). Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1964). Memories, Dreams, Reflections. *International Journal of Psycho-Analysis, 45*, 450-455.
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago.

Zimerman, D. E. (2007). *Fundamentos Psicanalíticos. Teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.

Zimerman, D. E. (2008). *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.